



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SESSÃO CONJUNTA

ANO LXIII - Nº 003 - QUARTA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 2008 - BRASÍLIA-DF

MESA DO CONGRESSO NACIONAL

Presidente

Senador **GARIBALDI ALVES FILHO** – PMDB – RN

1º Vice-Presidente

Deputado **NARCIO RODRIGUES** – PSDB – MG

2º Vice-Presidente

Senador **ALVARO DIAS** – PSDB – PR

1º Secretário

Deputado **OSMAR SERRAGLIO** – PMDB – PR

2º Secretário

Senador **GERSON CAMATA** – PMDB – ES

3º Secretário

Deputado **WALDEMIR MOKA** – PMDB – MS

4º Secretário

Senador **MAGNO MALTA** – PR – ES

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 3ª SESSÃO CONJUNTA (SO-LENE), EM 11 DE MARÇO DE 2008

1.1 – ABERTURA

1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO

Destinada a comemorar o Dia Internacional da Mulher e agradecer as vencedoras do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz, de acordo com o Requerimento nº 3, de 2008, da Senadora Serys Slhessarenko e outros senhores senadores.....

00068

1.2.1 – Fala do Presidente do Senado Federal (Senador Garibaldi Alves Filho)

1.2.2 – Fala do Presidente da Câmara dos Deputados (Deputado Arlindo Chinaglia)

1.2.3 – Fala da Ministra-Chefe da Casa Civil da Presidência da República (Ministra Dilma Rousseff)

1.2.4 – Fala da Senadora Serys Slhessarenko

1.2.5 – Homenagem a Therezinha de Godoy Zerbini

1.2.6 – Outorga do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz às Senhoras Alice Editha Klausz, Rose Marie Gevara Muraro, Mayana Zatz, Maria dos Prazeres de Souza e Jandira Feghali

1.2.7 – Homenagem *in memoriam* a Leocádia Felizardo Prestes

1.2.8 – Oradores

Deputada Sandra Rosado 00087

Senadora Lúcia Vânia 00088

Deputada Elcione Barbalho 00090

Deputada Fátima Bezerra 00090

Senador Inácio Arruda 00091

Deputada Íris de Araújo 00093

Deputada Jusmari Oliveira..... 00093

Deputada Janete Capiberibe 00095

Senador Antonio Carlos Valadares 00095

Senador José Nery 00097

Senador Garibaldi Alves Filho (nos termos do art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal) 00098

Senadora Maria do Carmo Alves (nos termos do art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal) 00099

Senador Flexa Ribeiro (nos termos do art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal) ... 00100

Senador Inácio Arruda (nos termos do art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal) ... 00101

Senadora Patrícia Saboya (nos termos do art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal) ... 00102

Senador Antonio Carlos Valadares (nos termos do art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal) 00103

Senador José Nery (nos termos do art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal) 00104

Senadora Roseana Sarney (nos termos do art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal) ... 00106

1.3 – ENCERRAMENTO

CONGRESSO NACIONAL

2 – CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

3 – CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

4 – REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL

5 – COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)

Ata da 3ª Sessão Conjunta (Solene), em 11 de março de 2008

2ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura

Presidência dos Srs. Garibaldi Alves Filho e da Sra. Serys Slhessarenko

(Inicia-se a sessão às 11 horas e 3 minutos)

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Declaro aberta a sessão solene do Congresso Nacional destinada a comemorar o Dia Internacional da Mulher e a agraciar as vencedoras do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Nesta sessão, serão agraciadas as 5 mulheres escolhidas para receber o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher.

São elas: a Sra. Alice Editha Klausz; a Sra. Rose Marie Gevara Muraro; a Sra. Mayana Zatz; a Sra. Maria dos Prazeres de Souza; e a Sra. Jandira Feghali. *(Palmas.)*

Será homenageada também, *in memoriam*, a Sra. Leocádia Prestes, bem como a Sra. Therezinha Zerbini. *(Palmas.)*

Convido para compor a Mesa, em meu nome e em nome do Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Arlindo Chinaglia, as seguintes autoridades: a Sra. Mariza Gomes da Silva, esposa do Exmo. Sr. Vice-Presidente da República, Dr. José Alencar *(palmas)*; a Ministra Dilma Rousseff, Chefe da Casa Civil da Presidência da República *(palmas)*; a Senadora Serys Slhessarenko, coordenadora das nossas festividades *(palmas)*; a Sra. Nilcéa Freire, Ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres *(palmas)*; e a Sra. Denise Pereira Alves *(palmas)*.

Peço ainda permissão à Mesa Diretora dos trabalhos para convidar a compô-la a Deputada Sandra Rosado, coordenadora da bancada feminina na Câmara dos Deputados. *(Palmas.)*

Agora, sim, composta a Mesa, vamos ter o prazer de ouvir a música *Rosas*, interpretada pela cantora Aninha.

(É executada a música Rosas.) (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Sras. e Srs. Senadores e Deputados; Exmo. Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Arlindo Chinaglia; Sra. Mariza Gomes, esposa do Vice-Presidente da República, José Alencar; Ministra Dilma Rousseff,

Chefe da Casa Civil; Senadora Serys Slhessarenko; Sra. Nilcéa Freire, Ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres; Deputada Sandra Rosado; Denise Alves, é com muita satisfação e com muita honra que comemoramos no Congresso Nacional o Dia Internacional da Mulher.

Fazemos isso com um olhar retrospectivo, olhando para a história e constatando que avançamos muito desde aquele 8 de março de 1857, dia em que as operárias de uma indústria têxtil de Nova Iorque decidiram protestar contra o salário aviltante, a carga horária excessiva e as condições insalubres de trabalho.

Outro marco desse avanço nos remete a 1922, ano em que Bertha Lutz criou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e, com isso, lançou as bases do movimento feminista em nosso País.

Suas reivindicações básicas, diga-se de passagem, não eram nada exorbitantes: igualdade de tratamento a homens e mulheres no mercado de trabalho e a garantia constitucional de que o direito ao voto não fosse prerrogativa exclusivamente masculina.

Desde então os avanços têm sido consideráveis, mas é inegável que ainda temos um longo caminho a percorrer. Vamos ter de avançar muito até realizar o sonho de Bertha Lutz e de todas as mulheres. E nós estamos, aqui no Senado, empenhados nisso.

O Senado Federal tem concedido o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz a brasileiras que contribuem decisivamente para a concretização desse sonho – a exemplo do que tem feito a Câmara dos Deputados também; e sobre isso falará o Presidente daquela Casa, Deputado Arlindo Chinaglia; mulheres que – se me permitem dizer as outras mulheres –, em meio a milhões de compatriotas, destacam-se na defesa do gênero feminino.

E é com muita honra e com muita alegria que cumprimento as escolhidas deste ano. Mas antes faço uma observação. As mulheres costumam dizer que ainda não estão muito bem representadas quantitativamente na área política, porque ainda são poucas as mulheres na Câmara dos Deputados, porque ainda são poucas as mulheres no Senado Federal. Mas me permito dis-

cordar disso. E, nesse aspecto, falo em nome de todos os Senadores, bem como falará em nome de todos os Deputados o Deputado Arlindo Chinaglia.

Se os avanços não são quantitativamente expressivos, os avanços qualitativos são outra coisa! (*palmas*) E as mulheres, Deputadas e Senadoras, têm dado tudo de si para o cumprimento de sua missão. Dou o testemunho disso agora porque ocupo, juntamente com o Deputado Arlindo Chinaglia, Presidente da Câmara dos Deputados, essas funções que me permitem ter visão privilegiada do que significam as mulheres neste Parlamento.

Nem sempre pensem que elas apenas agradam. Não se trata disso. Estou falando também de como elas, às vezes, incomodam. Essa é a verdade.

Diria que esse avanço vem acontecendo também no Poder Executivo. Estou aqui ao lado de 2 mulheres que têm realizado um trabalho extraordinário nas suas áreas de competência. Refiro-me às Ministras Nilcéa Freire e Dilma Rousseff. E acho, inclusive, que a Ministra Dilma Rousseff vai avançar mais. (*Palmas.*)

Cumprimento as homenageadas na pessoa de Alice Editha Klausz, que trabalhou na Varig durante 35 anos e posteriormente pôs o seu dinamismo e a sua experiência a serviço do Programa Antártico Brasileiro. A seu respeito basta dizer que há pouco mais de 4 anos, em audiência pública realizada na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, foi aplaudida de pé por todos os funcionários da Varig ali presentes. (*Palmas.*)

Receba, Tia Alice, conforme é chamada, o respeito e a admiração da nossa Casa, o respeito e a admiração dos meus colegas. Sobre tudo em se tratando do respeito e da admiração dos seus colegas, isso constitui um dos maiores indicadores do seu caráter, da sua personalidade.

Parabéns, Alice Klausz!

Cumprimento Jandira Feghali, música, médica, sindicalista, Deputada Estadual, Deputada Federal, Secretária de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia do Município de Niterói, defensora incansável dos direitos das mulheres.

A Deputada Jandira, sabemos todos, é um dos mais evidentes exemplos de que a política deve e pode ser feita com dignidade, perseverança, probidade e sobretudo coerência. (*Palmas.*)

Parabéns, Jandira! Não vou dizer nem chamá-la de V.Exa. Vou dizer, pelo nosso coleguismo, que você merece.

Cumprimento Maria dos Prazeres de Souza, presidenta da Associação das Parteiras de Jaboaão dos Guararapes, cuja indicação, tenho certeza, é uma merecida homenagem às 60 mil mulheres que exercem e que exerceram esse nobre ofício em nosso País.

Ao longo de quase 50 anos, trouxe ao mundo mais de 5 mil seres humanos. E, o que é mais importante, sem nenhum óbito. (*Palmas.*)

D. Maria dos Prazeres, quem dera pudéssemos todos exibir o mesmo nível de eficiência e de profissionalismo, nas condições em que trabalhou!

Parabéns! (*Palmas.*)

Cumprimento Mayana Zatz, professora, Pró-Reitora de Pesquisa da Universidade de São Paulo, pesquisadora renomada em genética humana e profissional brasileira que, com a sua atuação, quase personifica o trabalho brasileiro em prol das pesquisas com as células-tronco. (*Palmas.*)

Num país que precisa incrementar cada vez mais a sua produção científica e tecnológica, conforta saber que somente a Dra. Mayana Zatz já publicou quase 300 trabalhos científicos, todos do mais alto nível.

Parabéns! (*Palmas.*)

S.Sa. está ausente, por motivo de doença, mas nem por isso devemos deixar de aplaudi-la.

A outra mulher agraciada é escritora, editora, conferencista reverenciada tantas vezes, por tantas instituições, com títulos como o de Mulher Intelectual do Ano, uma das mulheres do século XX. Refiro-me a Rose Marie Muraro (*palmas*).

Se a história das grandes conquistas não dispensa ícones, seguramente a saga da emancipação da mulher em nosso País tem nela um ícone incontestável, da mesma forma como Betty Friedan, por exemplo, tornou-se figura emblemática do feminismo mundial.

Penso, Sras e Srs. Parlamentares, não haver dúvida de que a escolha desses nomes foi bastante acertada. Por isso mesmo, por serem mulheres de nomes imunes a quaisquer questionamentos, cumprimento também as Sras. e os Srs. Senadores que integram o Conselho do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz.

Cumprimento também, ao final desta minha saudação, a Presidenta do Conselho, Senadora Serys Slhessarenko (*palmas*). No dia em que acertar a pronúncia do nome da Senadora Serys, certamente vou ganhar um prêmio. (*Risos.*)

Quero cumprimentá-la por exercer o cargo com invulgar dedicação.

Antes de encerrar, quero fazer uma referência especial, como foi feito no início, à memória da Sra. Leocádia Prestes, cuja história, ao lado de Luiz Carlos Prestes, no Brasil, é conhecida de todos nós.

Quero também cumprimentar a Sra. Therezinha Zerbini, uma das nossas homenageadas (*palmas*), exemplo de trabalho e dedicação que resolvemos premiar sobretudo para fazer justiça a mulheres que atuam de forma semelhante.

Quero ainda cumprimentar a Sra. Mariza Gomes, esposa do Vice-Presidente da República, que nos honra com a sua presença, pelo exemplo de dedicação. S.Sa orgulha todos nós brasileiros. *(Palmas.)*

Há apenas uma mulher presente que não posso homenagear porque seria um procedimento suspeito, altamente suspeito. Mas cito Denise, minha mulher. *(palmas)* Diria a ela, como direi a todas as mulheres, que valeu a pena ser hoje Presidente do Congresso Nacional para poder exaltar as mulheres da minha terra, do meu País.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Dando continuidade aos nossos trabalhos, tenho a honra de conceder a palavra ao nobre Deputado Arlindo Chinaglia, Presidente da Câmara dos Deputados.

O SR. PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS (Arlindo Chinaglia) – Bom-dia a todos.

Cumprimento, especialmente, o Presidente do Senado Federal, Senador Garibaldi Alves Filho; sua esposa, Sra. Denise Pereira Alves, que S.Exa. acaba de homenagear de maneira habilidosa; a Sra. Mariza Gomes, esposa do Exmo. Sr. Vice-Presidente da República, José Alencar; a Exma. Sra. Dilma Rousseff, Ministra-Chefe da Casa Civil da Presidência da República; a Exma. Sra. Nilcéa Freire, Ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres; a Exma. Sra. Senadora Serys Slhessarenko; a Exma. Sra. Deputada Sandra Rosado; as Sras. Embaixadoras, os Srs. Embaixadores e os demais membros do Corpo Diplomático; a Exma. Sra. Fátima Nancy Andrigli, Ministra do Superior Tribunal de Justiça; a Exma. Sra. Emília Fernandes, Presidenta do Fórum de Mulheres do MERCOSUL; as Sras. e os Srs. Senadores; as Sras. e os Srs. Deputados; as Sras. Embaixatrizes; as senhoras presidentas de clubes e associações; as senhoras e os senhores presentes.

Cumprimento o Deputado Narcio Rodrigues, 1º Vice-Presidente da Câmara dos Deputados e Vice-Presidente do Congresso Nacional.

Cumprimento as agraciadas com o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz: Sra. Alice Editha Klausz; Dra. Mayana Zatz; Sra. Maria dos Prazeres de Souza; e a ex-Deputada Jandira Feghali.

Cumprimento a Sra. Zoia Prestes, neta e representante nesta sessão da homenageada **in memoriam** Leocádia Prestes.

E, finalmente, cumprimento a também homenageada Therezinha Zerbini.

Refiro-me primeiramente ao competente discurso, como habitualmente ocorre, do Presidente do Senado Federal, Senador Garibaldi Alves Filho, que fez referências históricas ao Dia Internacional da Mu-

lher, relembando os trágicos fatos de 8 de março de 1857, quando operárias norte-americanas morreram queimadas, bem como os fatos de 1922.

Quero me referir a 1975, quando a ONU instituiu o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher.

Ao fazermos essas referências históricas, evidentemente queremos combater tudo aquilo que poderia ser artificial na comemoração do Dia Internacional da Mulher, que, muitas vezes, ganha certo automatismo. E alguém menos avisado ou até mesmo desavisado poderia imaginar que é apenas algo que diz respeito a um momento presente e, sem dúvida, importante. Mas não podemos nem devemos retirar essa carga histórica, essas referências às lutas das mulheres, começadas há 2 séculos.

Nesse sentido, ressalto o nome de Carlota Pereira de Queiroz, a primeira Deputada Federal do Brasil, que levantou as bandeiras de luta das mulheres em meados do século passado, as mesmas bandeiras empunhadas pelas Deputadas e pelas Senadoras de hoje.

Então, tudo isso mostra o quê? O valor da luta, a justiça da causa, bem como as dificuldades para a obtenção da vitória.

Atendemos sugestão do Presidente do Senado, Garibaldi Alves Filho, e promovemos uma homenagem às mulheres, na Câmara dos Deputados, à qual demos o nome de Prêmio Carlota Pereira de Queiroz.

Lá, fizemos duas homenagens **in memoriam**. Uma delas foi a Olga Benário. Foi lida a carta que escreveu ao esposo, Luís Carlos Prestes, e aos filhos. E, ao ouvir a leitura das palavras de uma mulher condenada à morte, com a consciência de redigir uma carta ao mesmo tempo tão equilibrada e tão doída, tão consciente e tão amorosa, não encontramos palavras que pudessem traduzir momentos como aquele. Não há possibilidade humana de fazê-lo porque a carga emocional estava ali; o momento político e o momento histórico estavam ali. As dificuldades de redigir aquela carta são intransferíveis, inimagináveis.

Portanto, só nos resta homenagear mulheres que, com essa grandeza – disse na Câmara dos Deputados e vou repetir aqui -, não representam apenas as mulheres, representam a dignidade humana, representam mulheres e homens. *(Palmas.)*

A outra homenagem **in memoriam** foi à Deputada Ceci Cunha, assassinada covardemente há 10 anos. *(Palmas.)*

O seu filho pronunciou uma frase que emocionou a todos. O tema daquela sessão realizada na Câmara dos Deputados era *A Mulher nos Espaços de Poder*. O filho de Ceci Cunha disse que ela foi assassinada porque era mulher e porque era da paz. Ele e sua irmã, um casal de jovens, perderam a mãe e o pai ao mesmo

tempo. Quando ouvimos depoimento tão emocionado e tão emocionante, tudo o que podemos dizer é que devemos e queremos combater aqui a idéia do superficial, a idéia de que cumprimos apenas uma rotina. Estamos aqui cumprindo o nosso dever. Não há nada de rotina, tampouco de artificial.

Quero citar ainda outras 3 homenageadas.

Marilena Chaui, com as suas idéias, no patamar da intelectualidade brasileira, é a representação não apenas das mulheres, mas também do pensamento humano. Mas é claro que, por ser mulher, merece a homenagem.

Jovelina dos Santos é parteira, atividade relevante que, em determinadas regiões do País, como registrou o Presidente do Senado, Garibaldi Alves Filho, oferece amparo e acima de tudo tranqüilidade às mulheres, pelo menos às primíparas. Não é fácil para a mulher enfrentar o primeiro parto sem apoio e tranqüilidade. Na minha avaliação – e sou médico –, a parteira, em dados momentos, consegue transmitir tranqüilidade à mulher, o que acaba sendo mais decisivo do que outros procedimentos, embora não sejam eles menos importantes. Fico imaginando como essa parteira conseguiu atuar no parto pélvico de uma primípara. Na Medicina, isso evolui para uma cesariana. Ela viveu momentos que não se consegue imaginar.

Finalmente, Rosinha – seu nome verdadeiro é Maria Amélia –, que em conseqüência de uma patologia genética sofre grave limitação física. No entanto, de maneira impressionante, ela mobilizou as mulheres e criou uma ONG. É mais um exemplo de força que nos faz sentir rigorosamente menores e nos leva a pensar se faríamos o que ela faz.

Sr. Presidente, Senador Garibaldi Alves Filho, por solicitação das Deputadas Sandra Rosado e Perpétua Almeida, que se encontra presente, a Câmara dos Deputados realizou uma sessão diferente, uma Comissão Geral. Na ocasião, pudemos ouvir a sociedade, representada pelas mulheres convidadas – nem todas rezam pela mesma cartilha, o que enriquece o debate –, bem como a opinião de Deputadas e Deputados.

No Congresso Nacional, as mulheres estão sub-representadas. Porém, trabalham de maneira articulada e incessante. Disso dou o meu testemunho. *(Palmas.)*

Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, concordo com o Senador Garibaldi Alves Filho: é impossível atender às demandas das mulheres. Elas agem com tanta convicção e com tanta força que vamos administrando a pauta para tentar contribuir conscientemente.

Por representarmos a sociedade brasileira, o nosso dever no Congresso Nacional é exatamente o de ter

consciência de que as mulheres são maioria na sociedade. Tendo em vista o papel da mulher e do homem, não faz sentido a sociedade deixar de perceber que os seres humanos são exatamente iguais. Isso denota atraso.

A partir do estímulo constante das mulheres no Parlamento, queremos contribuir, no limite de nossas funções.

Cumprimento todas as mulheres presentes a esta sessão e as ausentes. Tenham certeza do nosso respeito e do nosso compromisso.

Sr. Presidente, Senador Garibaldi Alves Filho, precisamos fazer avançar a pauta de votações o mínimo que seja, no Congresso Nacional, em articulação com as Deputadas e as Senadoras.

Parabéns a todas as mulheres! *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Tenho a satisfação e a honra de conceder a palavra à Ministra Dilma Rousseff, Ministra-Chefe da Casa Civil da Presidência da República. *(Palmas.)*

A SRA. MINISTRA DILMA ROUSSEFF – Inicialmente agradeço ao Presidente, Senador Garibaldi Alves Filho, a honra que me concede neste momento. Sinto-me honrada por 2 motivos: primeiro, por estar falando no Senado da República; segundo, por participar desta cerimônia, que simboliza toda a luta de emancipação da mulher e de sua presença na construção do País.

Saúdo o Presidente Garibaldi Alves e também a Senadora Serys Slhessarenko, responsável pela comissão que organiza esta cerimônia e os eventos relativos à questão da mulher. Cumprimento o Presidente Arlindo Chinaglia e a Deputada Sandra Rosado, representante da bancada feminina, que tem tido crescente expansão no Brasil, embora nós todas consideremos que ainda é insuficiente. Cumprimento também a minha querida companheira de partido e de governo, a Ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Nilcéa Freire. Faço uma menção especial a D. Marisa Gomes, que é uma lutadora, junto com esse grande brasileiro que é o Vice-Presidente da República. Finalmente, afirmo que o papel de D. Denise Pereira Alves, como companheira presente em todos os momentos na vida do Senador Garibaldi Filho, é também simbólico. Refiro-me ao papel, muitas vezes discreto, das mulheres como esposas.

Voltando ao que estava dizendo, esta cerimônia em homenagem às mulheres – foi-me dada a palavra e sinto-me muito honrada – tem um simbolismo muito grande. Por quê? Porque mostra que elas estão presentes em todas as atividades do País. Ao mesmo tempo, ao longo de nossa história – desde a mais antiga até a mais recente –, estiveram presentes em vários momentos de luta.

Começo citando Jandira Feghali, uma das agraciadas com o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz, por sua trajetória, que todas nós conhecemos – algumas mais, outras menos. Mas todas nós temos de reconhecer que é a trajetória de uma pessoa comprometida com os princípios democráticos, com a construção de uma sociedade melhor, mais justa e mais digna e, ao mesmo tempo, com a questão dos direitos humanos e da emancipação das mulheres. S.Exa. preocupa-se com as condições específicas das mulheres, com as questões da diferença de salários, da violência, da maternidade e da proteção à infância.

Cumprimento também a Presidenta da Associação das Parteiras, Maria dos Prazeres de Souza, porque nós, mulheres, temos estreita relação com a vida. Podemos dizer até que ela é umbilical. É uma relação de dar a vida, mas também de trazer à vida. Maria dos Prazeres de Souza cumpriu uma trajetória muito importante em nosso País. Foram as parteiras as primeiras médicas, aquelas que deram apoio tanto à mulher como ao seu filho. Maria dos Prazeres representa duplamente a mulher: a que dá a vida e a que traz à vida.

Destaco o nome de Mayana Zatz, que participa deste momento importante do País, em relação à fronteira do conhecimento, à pesquisa, à atividade que pode salvar vidas de homens e mulheres, crianças e jovens. O trabalho dela na Universidade de São Paulo pode permitir significativo avanço das pesquisas com células-tronco. Esperamos que essa questão tenha desenlace adequado no Supremo Tribunal Federal. *(Palmas.)*

Também destaco a competência da mulher na atividade científica. Registro a contribuição de milhares delas nessa área.

Cito especialmente Rose Marie Muraro, que faz parte de todo o ideário, de toda a ideologia, de todos os ensinamentos das mulheres da minha geração e, tenho certeza, das gerações futuras, no que se refere ao significado social, político e ideológico da questão do feminismo.

Rose Marie Muraro talvez tenha para nós a mesma significação que teve Simone de Beauvoir para os franceses. Nesse sentido, ela é a nossa Simone de Beauvoir. *(Palmas)* Por tudo que ela fez, em relação à luta democrática das mulheres, é, sem sombra de dúvida, muito correta a escolha do seu nome pela comissão presidida pela Senadora Serys.

Cumprimento a Sra. Alice Editha Klausz, que, nos seus 35 anos de trabalho como funcionária da VARIG, prestando todo auxílio possível aos passageiros, dedicando-se ao trabalho, mostra uma ação exemplar das mulheres como trabalhadoras em geral. Registro sua

participação nas missões da VARIG na Antártica. Ela tem sido um exemplo de dedicação ao País e também uma pessoa estratégica. Está sempre atrás do palco, mas não deixa de ser responsável por tornar visíveis os eventos que nele ocorrem. Parabeno-a pela sua dedicação, pela pesquisa feita na Antártica e pela relação com o trabalho das mulheres no Brasil.

Afirmo que, sem sombra de dúvida, D. Leocádia Prestes representa um momento importante na história do Brasil. Ela é a mãe calada, mas a mãe presente, a mãe lutadora, diante das agruras de uma vida dedicada ao País – a do Sr. Luís Carlos Prestes.

Estou aqui para falar também de D. Therezinha Zerbini. Eu a conheci em 1970, no Presídio Tiradentes, onde ela ficou presa por mais de 2 anos por resistir à ditadura; por ter, inclusive, emprestado o sítio onde se realizou o congresso de Ibiúna; por ter sido porta-voz e articuladora desse evento; por toda sua relação com a luta de resistência no Brasil, na época da ditadura.

Já naquela época, dentro da cadeia, em momentos bastante difíceis, em que as pessoas não tinham a facilidade de se manifestar, porque eram ameaçadas de tortura e de represálias, D. Therezinha sempre demonstrou imensa generosidade, dignidade e, sobretudo, firmeza.

Houve, inclusive, atitudes bastante determinadas. Quando recebíamos algum tipo de visita não muito agradável, Therezinha Zerbini se dava o luxo – naquela época, isso era um luxo – de entrar em sua cela, puxar a porta e fechar a janela, porque não queria a presença daqueles que, segundo ela, não honravam as tradições que o marido dela tinha honrado ao longo da história do Brasil. *(Palmas.)*

Deixo aqui o meu depoimento. Não me lembro precisamente qual foi o tempo. Se não me falha a memória, por quase 2 anos Therezinha Zerbini ficou sem julgamento dentro do Presídio Tiradentes, para depois, também, se não me engano, ser absolvida pelo menos de parte expressiva desse período em que lá permaneceu.

Mas não me lembro apenas disso em relação a D. Therezinha. Lembro-me de vê-la sair da cadeia e participar da luta pela anistia, de organizar o Movimento Feminino pela Anistia. Lembro-me também de sua participação em todos os momentos decisivos da luta pela redemocratização do País, do seu compromisso com o Brasil, da sua imensa dedicação, num momento em que era muito difícil expressá-la.

Portanto, sinto-me muito honrada de participar desta homenagem a você, Therezinha. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Eu diria que o pronunciamento da Ministra acabou da melhor forma, com emoção e homenageando a Sra. Therezinha Zerbini.

Acho que a Sra. Ministra não tornou muito claro, por modéstia, para preservar essa parte da sua história, que também ela, como a Sra. Therezinha, foi alvo da violência da ditadura militar naqueles dias sombrios. *(Palmas.)*

Eu não estou em falta com as mulheres. Na verdade, estou em falta com um homem, que foi ignorado por mim até agora. Quero pedir desculpas a ele. Refiro-me ao Deputado Narcio Rodrigues, 1º Vice-Presidente do Congresso Nacional.

Peço desculpas a todas e a todos, porque neste momento terei de me ausentar deste plenário. O mesmo o fará o Presidente da Câmara. Infelizmente, temos outros compromissos. E eu quero deixar as mulheres mais à vontade. *(Risos.)*

Passo a Presidência neste instante à Senadora Serys Slhessarenko. *(Palmas.)*

O Sr. Garibaldi Alves Filho, Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pela Sra. Serys Slhessarenko.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Em primeiro lugar, nossa saudação a todos os presentes.

Agradeço ao Senador Garibaldi Alves Filho, Presidente do Senado Federal, todo o empenho e toda a dedicação para que este evento acontecesse.

Saúdo o Presidente Arlindo Chinaglia; o Vice-Presidente Narcio Rodrigues; a Sra. Ministra Dilma Rousseff, que acaba de fazer seu grandioso pronunciamento, que com certeza emocionou todos; a Sra. Nilcéa Freire, Ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, criada no primeiro dia de Governo do Presidente Lula e que nos permitiu dar um grande salto nessa questão.

Saúdo a Sra. Emília Fernandes, que ocupou essa Pasta anteriormente, também com a maior competência. Nilcéa Freire vem realmente buscando elaborar nas bases os planos de políticas públicas para as mulheres.

Saúdo a Deputada Sandra Rosado, coordenadora da bancada feminina na Câmara dos Deputados e, por seu intermédio, saúdo todas as Deputadas presentes.

Querida Denise Alves, esposa do nosso Presidente, atuante nessas questões relativas à mulher; Sra. Ministra do STJ, que aqui representa o Judiciário; Sra. Embaixadora do Marrocos, na pessoa de quem saúdo todas as Embaixadoras e Embaixatrizes presentes, especialmente nossas homenageadas, bem como os Embaixadores; Sras. e Srs. Senadores.

Posso participar de incontáveis sessões como esta e, em cada uma delas, experimentarei aquele sentimento que não envelhece e que jamais se repe-

te. A razão é simples: a cada ano em que o Senado Federal se mobiliza para celebrar o Dia Internacional da Mulher, a cada sessão especial destinada a perpetuar a luta incessante e incansável de todos os que se comprometem com a edificação de uma sociedade justa e igualitária, o ânimo se recobra e a esperança se renova.

Por isso, e justamente por isso, os sentimentos não se repetem monotonamente. Há sempre uma motivação nova a embalar os sonhos que a todos nós engrandece. Há sempre um passo a mais a ser dado, uma distância a ser encurtada, um desafio a ser enfrentado.

Por isso, e justamente por isso, cada uma dessas sessões especiais traz em si outras sementes ávidas por germinar, mais terra a ser fertilizada e a reconfortante expectativa da colheita promissora. Assim, o sentimento que ora me envolve – que certamente é o mesmo de milhares, de milhões de outras pessoas –, não pode ser outro senão o da paz inquieta, aquela que não se compraz na acomodação que fragiliza ou na desistência que acovarda.

Senhoras e senhores, sempre que faço um discurso sobre a questão de gênero tento fugir dos números, mas isso é quase impossível nessa área de direitos da mulher. Temos dados estarrecedores, como apenas 10% da Câmara Federal ocupada por mulheres e 12% do Senado.

O Prêmio Nobel de Literatura foi instituído em 1901. De lá para cá, foram 106 distribuições dessa alta recompensa para escritores que, com a sua arte, estimularam as asas da humanidade. Dessas 106 premiações, apenas 11 foram parar em mãos femininas, contra 95 em mãos masculinas. Isso quer dizer que há uma clara desigualdade entre a maneira como a sociedade global tem tratado o talento feminino e o talento masculino, sonhando recompensas às excelentes escritoras e premiando os excelentes escritores, generosamente, embora, teoricamente, elas sejam metade do contingente populacional deste mundo e sejam tão capazes quanto eles. Aqui, a desigualdade numérica é tão discrepante que sequer é permitido achar que se trata de mera coincidência. Não pode ser acaso. É preconceitual.

Aqui, neste momento, e em tantos outros recantos do planeta, homens e mulheres de todas as idades, irmanados pelo espírito de justiça e iluminados pela fé que abre caminhos para gestos de grandeza, voltam-se à reflexão acerca do significado desta data. São homens e mulheres conscientes de que diferenças não podem justificar a desigualdade nem aceitar como natural toda e qualquer forma de opressão. Homens e mulheres nascem livres e iguais em direitos e deveres. *(Palmas.)* Portanto, a liberdade, senhores,

deve ser o único porto no qual podemos ancorar nossas vidas. Fora disso, é a negação de nossa própria humanidade.

Há ainda uma razão especial para essa solenidade. Uma vez mais, o Senado da República tem a honra de conferir o Prêmio Bertha Lutz a mulheres brasileiras que, por caminhos distintos, construíram uma história de vida de que podem orgulhar-se. Aliás, é este o sentido do prêmio: reconhecer, homenageando, mulheres que se destacam pela ação em prol dos direitos da mulher, sempre na perspectiva maior de inseri-las numa sociedade mais democrática e cidadã.

Ao homenageá-las com o Prêmio Bertha Lutz, reverenciamos as milhares de companheiras que, por essa imensidão de Brasil afora, dão prova diária de amor à vida e de disposição para a luta. Mulheres que ousam enfrentar toda a sorte de desafios e têm a coragem necessária para não esmorecer ante os mais diversos obstáculos. Mulheres que sabem que o amanhã se constrói hoje e se lançam, com firmeza e ternura, determinação e sensibilidade, ao árduo, porém compensador, trabalho de construção de um mundo melhor para todos e para todas.

Temos um longo caminho pela frente para a conquista de igualdade, equilíbrio de direitos e conquistas, mas não esmorecemos diante dessas dificuldades. Ao contrário, elas nos embalam e impulsionam para frente. Há de chegar o dia em que não precisaremos mais discursar, pois não teremos mais causa. E, nesse momento, as gerações futuras se lembrarão de nós, como hoje lembramos Bertha Lutz e saudamos algumas das nossas homenageadas aqui presentes: Maria dos Prazeres, Mayana Zatz, Jandira Feghali, Rose Marie Muraro, aqui representada pela querida e grande Ministra Nilcéa Freire, Alice Editha, Therezinha Zerbini e, *in memoriam*, Leocádia Prestes, na presença de sua neta Zoia. O Senado Federal as homenageia, mas eu diria que o Senado é homenageado neste momento pela grandeza das personalidades que são aqui homenageadas, com certeza. (*Palmas.*)

Quero listar aqui as nossas Senadoras – somos 10 Senadoras -, mulheres ímpares, com certeza, independentemente da coloração partidária, e que em todas as questões que tratam de legislação para a mulher, sempre, usando o termo do Senado, fecham questão na defesa dos direitos da mulher: Roseana Sarney, Lúcia Vânia, Fátima Cleide, Maria do Carmo Alves, Ideli Salvatti, Kátia Abreu, Patrícia Saboya, Rosalba Ciarlini, Maria Serrano e Serys Slhessarenko. (*Palmas.*)

Quero aqui nominar os Srs. Senadores e as Sras. Senadoras, membros do Conselho Bertha Lutz: Roseana Sarney, Maria do Carmo Alves, Lúcia Vânia, Serys Slhessarenko, Sérgio Zambiasi, Cristovam Buarque,

Patrícia Saboya, Inácio Arruda e Marcelo Crivella. Esses são os membros do Conselho do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz.

Pronunciarei agora o nome das homenageadas e lerei um pequeno texto sobre cada uma, antes de entregar a premiação. Iniciarei pela Dra. Therezinha Zerbini e finalizarei com a Sra. Leocádia Prestes.

Therezinha Zerbini é uma mulher paulistana de muita fibra, uma advogada reconhecida, militante política de primeira hora e incansável defensora dos direitos das mulheres. Na época da ditadura militar, por suas idéias, por suas práticas e pelas ligações que tinha com os movimentos de esquerda, foi presa pela temida Operação Bandeirante, responsável por inúmeras detenções, torturas, desaparecimentos e mortes de ativistas que atuavam contra o regime. Durante algum tempo, foi “hóspede” obrigatória no Departamento de Ordem Política e Social – DOPS e em uma cela no Presídio Tiradentes.

Ao deixar a prisão, trocou corajosamente a tranquilidade do lar pelas ações militantes nas ruas, nas universidades e nas incontáveis reuniões consideradas pelos militares como subversivas. Assim, em 1975, em São Paulo, criou, organizou e difundiu o Movimento Feminino pela Anistia – MFPA. Buscou apoio em âmbito nacional e contou com a colaboração da chamada Igreja Progressista, principalmente de Dom Paulo Evaristo Arns, que era Arcebispo de São Paulo. O mesmo aconteceu em relação à Ordem dos Advogados do Brasil, à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, à Associação Brasileira de Imprensa e ao Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, que não mediram esforços em abrir espaços para a atuação do Movimento Feminino pela Anistia.

Em sua missão, percorreu vários Estados, nos quais fundou núcleos do Movimento e pregou o fim das torturas nos porões da repressão, a libertação dos presos políticos, a volta dos exilados e da democracia. Inegavelmente por se destacar como liderança feminina de primeira grandeza nessa refrega política ideológica, colocou inúmeras vezes sua cabeça a prêmio. Mas, mesmo correndo perigos, subiu nos palanques para defender a causa das mulheres e a volta ao Estado de Direito neste País.

Não é só o povo de São Paulo que respeita sua história, Therezinha, a sua trajetória política, a sua coragem, a sua dedicação em defesa dos direitos das mulheres e do direito de todos os povos oprimidos. Todos sabem que, ainda hoje, às vésperas de comemorar a sua mocidade, o seu 80º aniversário, a senhora continua lutando firmemente contra o autoritarismo, contra a discriminação, contra o individualismo das elites e contra todas as formas de opressão.

Eu gostaria de dizer que é um orgulho para mim presidir esta homenagem, que entrega à célebre brasileira Therezinha de Godoy Zerbini este reconhecimento pelos seus embates travados em defesa dos nossos direitos.

Convido aquela pessoa de quem, ontem, Therezinha Zerbini disse, diante das televisões, numa entrevista, ter sido coleguinha – estou usando o termo que ela usou – de cela no DOPS, Dilma Rousseff, essa mulher ímpar da história do Brasil, a entregar nossa homenagem a Therezinha Zerbini, também figura ímpar da história, através dos tempos. *(Palmas. Pausa.)*

A Sra. Therezinha de Godoy Zerbini – Dilma é uma das mulheres mais corajosas, mais competentes, inteligentes e generosas que conheci. Estou feliz em receber este prêmio por suas mãos, Dilma. *(Palmas.)* Deus quer quando a mulher quer. Então, vamos querer. *(Palmas.)*

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko) – Obrigada, Ministra Dilma Rousseff.

Parabéns, Therezinha Zerbini!

Agora passaremos à entrega do diploma às nossas homenageadas.

Entre tantas iniciativas louváveis do Senado Federal nesses últimos anos, uma, seguramente, há de ser, por muito tempo, referência obrigatória para as mulheres brasileiras: a instituição, em 2001, do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz, por meio de projeto de lei de autoria da Senadora e ex-Ministra Emília Fernandes. A honraria é concedida anualmente a 5 mulheres brasileiras que se tenham destacado nos mais diversos campos de atividade, mas especialmente na luta pela efetiva emancipação feminina. Além de representar o reconhecimento desta Casa Legislativa, o diploma pretende dar visibilidade ao esforço e à tenacidade dessas mulheres na construção de uma sociedade que tenha por primados a igualdade de direitos e a justiça social.

A denominação da honraria com que o Senado e a sociedade brasileira distinguem as mulheres é igualmente significativa. Bertha Lutz foi uma mulher que se destacou em seu tempo. Pode-se mesmo dizer que Bertha Lutz viveu adiante do seu tempo, tantas foram as barreiras que derrubou, tamanho o seu descortino, tamanha a sua coragem para enfrentar os preconceitos e a hipocrisia da época.

Sua coragem se evidenciou, desde cedo, por abraçar a carreira de cientista, numa época em que essa atividade parecia exclusividade dos homens. Dedicando-se exaustivamente às pesquisas científicas, deixou uma obra vasta e uma contribuição importante para as ciências brasileiras. Além disso, Bertha Lutz se notabilizaria na luta pelos direitos políticos das mulheres, logrando, entre outros êxitos, a aprovação

da lei que cedeu às mulheres o direito de votar e de ser votada. Ela mesma, não custa lembrar, elegeu-se Deputada, além de ter sido a segunda mulher a entrar para o serviço público por meio de concurso.

É com o pensamento voltado para Bertha Lutz e para outras mulheres que ao longo de nossa história têm empunhado a bandeira da emancipação feminina e da igualdade social que a comissão julgadora escolheu as 5 brasileiras a serem homenageadas nesta sessão.

Como ocorre todos os anos, foi uma escolha difícil, senhoras e senhores, tantas foram as qualidades dos nomes encaminhados à comissão. Ao final, em que pesem os méritos de todas elas, foram escolhidos, numa lista de 75 indicadas, apenas 5 nomes, e a elas, guerreiras, desbravadoras, mães e mulheres rendemos a nossa homenagem.

Senhoras e senhores, vamos iniciar a entrega da premiação às 5 agraciadas.

Iniciamos pela Sra. Alice Editha Klausz, 53 anos dedicados à aviação. Essa é a trajetória da vida de Alice Editha Klausz. Tia Alice, como é conhecida, é gaúcha de Porto Alegre. Formou-se no primeiro grupo de aeromoças da VARIG, em 1954, abrindo assim caminho para a próxima geração. Foi funcionária da empresa por 35 anos. Por lá, foi chefe de cabine e diretora da escola de comissários com várias especialidades. Alice é graduada em Direito e Biblioteconomia. Hoje é conhecida por sua atuação firme e decidida na fundamental introdução de mudanças no serviço de bordo e no atendimento aos tripulantes e passageiros das missões antárticas. Tia Alice empresta com muito orgulho toda a sua experiência profissional como voluntária. Já está aposentada há bastante tempo e continua trabalhando como voluntária no Programa Antártico Brasileiro, o PROANTAR.

Já aposentada, como disse, Alice Klausz foi convidada a participar de um dos vôos antárticos da Força Aérea Brasileira. Após essa viagem, ela escreveu e apresentou ao Ministério da Marinha um manual para orientação do serviço de bordo durante os vôos do PROANTAR. A partir de dezembro de 1989, passou a fazer parte da tripulação das aeronaves da FAB que apóiam o programa PROANTAR. São 53 anos dedicados à aviação com muito amor, como ela conta. Hoje, com 79 anos de idade, ela continua viajando. No último mês, nossa guerreira completou a sua 138ª viagem, e dessa vez acompanhando a missão do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Antártica.

Convidamos a Senadora Patrícia Saboya e a Deputada Íris de Araújo para fazerem a entrega da homenagem à querida Alice Editha Klausz. *(Palmas.)*

Parabéns, Alice Editha Klausz! *(Pausa.)*

É o seguinte o Diploma



SENADO FEDERAL

O Presidente do Senado Federal, de acordo com a Resolução nº 2, de 2001, confere

a *Alice Editha Klausz*

Diploma "Mulher-Cidadã Bertha Lutz", em reconhecimento à relevante contribuição à

defesa dos direitos da mulher

Arquivo do Senado Federal, março de 2008

Senado Federal do Brasil
 Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania
 Relatores: Senhores Senadores
 e Senadoras

Senado Federal do Brasil
 Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania
 Relatores: Senhores Senadores
 e Senadoras

BERTHA LUTZ

Formada em Física pela antiga Universidade do Brasil, Rose Marie Muraro desde jovem colaborou com artigos para jornais e atuou na área editorial.

Em 1966, escreveu seu primeiro livro *A Mulher na Construção do Mundo Futuro*, que vendeu 10 mil exemplares em 3 meses. Publicou outras obras, além de fazer palestras abordando o tema da libertação sexual da mulher.

Em 1971, trouxe para o Brasil a líder feminina Betty Friedman, dando origem a um grande movimento de opinião pública, que mais tarde levaria à criação do movimento feminista no País.

Trabalhou na fundação do Centro da Mulher Brasileira e, mais tarde, fundou também o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, órgão de máxima importância para que as reivindicações femininas fossem atendidas e inseridas na Constituição Federal de 1988.

Na década de 80, Rose Marie Muraro foi desligada da Vozes por causa da repercussão do livro que escreveu em parceria com diversos teólogos, chamado *Sexualidade, Libertação e Fé: Por uma Erótica Cristã*.

Ao longo da vida, nossa agraciada recebeu diversos prêmios por seu notório saber em matéria de gênero.

Em 2003, foi nomeada conselheira do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, pelo Presidente da Re-

pública. Em 2005, foi indicada para o Prêmio Nobel da Paz como parte de um projeto que reúne mil mulheres de 150 países. Desde 2 de janeiro de 2006 é patrona do feminismo brasileiro (Lei nº 11.261/06).

Hoje, aos 77 anos, não obstante o fato de possuir apenas 5% da visão, a guerreira Rose Marie Muraro continua a dar conferências e palestras sobre a condição da mulher no Brasil e no exterior. Disse ela, emocionada: *“Estou tão feliz. Sou patrona do feminismo brasileiro, mas tudo o que eu esperava há tempos era o Prêmio Bertha Lutz. O Bertha Lutz foi a recompensa mais bela do meu trabalho que já recebi na vida.”*

Rose Marie nos relatou ao telefone: *“Eu adoraria estar em Brasília, mas meu corpo nem sempre obedece aos comandos de minha mente”*.

Para receber o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz em nome da homenageada, convidamos a querida Ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Nilcéa Freire.

Para fazer a entrega, convidamos a Senadora Ideli Salvatti, Presidenta da Subcomissão de Defesa da Mulher do Senado Federal, e a Deputada Vanessa Grazziotin. (Palmas.) (Pausa.)

É o seguinte o Diploma:



SENADO FEDERAL

O Presidente do Senado Federal, de acordo com a Resolução nº 2, de 2001, confere

a *Rose Marie Gervara Muraro* o

Diploma "Mulher-Cidadã Bertha Lutz", em reconhecimento à relevante contribuição à

defesa dos direitos da mulher

Senado Federal, Brasília, 10 de março de 2008

Rose Marie Gervara Muraro

Rose Marie Gervara Muraro

BERTHA LUTZ

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Com a palavra o Senador Eduardo Suplicy.

O SR. EDUARDO SUP LICY (PT-SP. Sem revisão do orador.) – Sra. Presidenta, por ter um relacionamento muito próximo a Rose Marie Muraro, permita-me dizer que talvez tenha sido ela a pessoa que mais ajudou este homem a respeitar as mulheres de igual para igual, e tenho certeza de que ela tem exercido esse papel. Em artigo que escreveu para o jornal *Folha de S.Paulo*, há poucos dias, vi que ela continua sendo uma pessoa despertadora de idéias, de sentimentos formidáveis.

Em homenagem às Ministras Nilcéa Freire e Dilma Rousseff, o meu beijo para Rose Marie Muraro. Parabéns a vocês que a escolheram para, junto com a Therezinha e as demais homenageadas, receber o Bertha Lutz.

Obrigado. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Obrigada, Senador Eduardo Suplicy.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko) – A Ministra Dilma Rousseff pede licença para se retirar.

Convido para integrar a Mesa as Sras. Deputadas Jô Moraes, Íris de Araújo Luiza Erundina, Vanessa Grazziotin e a Senadora Lúcia Vânia.

Dando continuidade à entrega da premiação às nossas agraciadas, quero falar sobre a Dra. Mayana Zatz, Professora Titular de Genética Humana e Diretora do Centro de Estudos do Genoma Humano do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo – USP.

Nossa agraciada é membro-titular de 3 academias de ciências: Academia Brasileira de Ciências, Academia de Ciências do Estado de São Paulo e Academia de Ciências do Terceiro Mundo. Além disso, é membro do Human Genome Organization – HUGO, Projeto Internacional Genoma. S.Sa. atua em Biologia Molecu-

lar, com enfoque em doenças neuromusculares e em pesquisas sobre células-tronco.

Atualmente, é Pró-Reitora de Pesquisas da USP, coordenadora do Centro de Estudos do Genoma Humano do Instituto de Biociências da USP e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Sua equipe de pesquisa colaborou para a identificação de genes responsáveis por doenças neuromusculares. É Presidente e fundadora da Associação Brasileira de Distrofia Muscular, entidade de utilidade pública nacional, único centro da América Latina que presta atendimento multidisciplinar a pacientes com distrofias musculares.

Mayana Zatz desenvolve, ainda, um trabalho de divulgação por meio de palestras, entrevistas, artigos, debates e audiências públicas sobre importantes dados gerados pelo Projeto Genoma Humano, e mais recentemente pelas pesquisas com células-tronco.

Em março de 2005, Mayana Zatz uniu-se à batalha pela aprovação da Lei de Biossegurança, que permite pesquisas com células-tronco embrionárias no Brasil. Em reconhecimento por seu trabalho, Mayana Zatz recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, foi indicada personalidade do ano, mais especificamente personalidade do ano na área da saúde. Também foi incluída no rol das mil mulheres indicadas ao Prêmio Nobel da Paz. Recebeu, ainda, a Medalha de Mérito Científico e Tecnológico do Estado de São Paulo.

Faço um parêntese para dizer que passaríamos a manhã toda, aliás, a tarde toda, falando sobre os feitos dessas grandes mulheres, mas infelizmente o tempo não nos permite isso.

Convido a Senadora Lúcia Vânia e a Deputada Luiza Erundina a fazerem a entrega da premiação à Sra. Mayana Zatz. (*Palmas.*) (*Pausa.*)

É o seguinte o Diploma:



SENADO FEDERAL

O Presidente do Senado Federal, de acordo com a Resolução nº 2, de 2001, confere

a *Mayana Lutz* o

Diploma "Mulher-Cidadã Bertha Lutz", em reconhecimento à relevante contribuição à

defesa dos direitos da mulher.

Senado Federal 11 de março de 2008

Leopoldina de Almeida
 Leopoldina de Almeida
 Presidente do Senado Federal

Mayana Lutz
 Mayana Lutz

BERTHA LUTZ

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Com a palavra a Sra. Mayana Zatz.

A SRA. MAYANA ZATZ – É muita emoção receber esta homenagem no momento em que batalhamos para que sejam definitivamente aprovadas as pesquisas com células-tronco embrionárias. Para mim é muito especial estar nesta Casa, onde a lei foi aprovada, pela primeira vez, por 96% dos Senadores.

Muito obrigada. *(Palmas.)*

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko) – Muito obrigada, Deputada Luiza Erundina e Senadora Lúcia Vânia. Parabéns, Sra. Mayana Zatz.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko) – A próxima homenageada é a Sra. Maria dos Prazeres de Souza, por indicação da Sra. Elina Carneiro, Deputada Estadual de Pernambuco, a quem agradecemos a presença.

Maria dos Prazeres de Souza, nordestina, de família humilde, recebe o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz pelo trabalho que realiza como Presidente da Associação das Parteiras de Jaboatão dos Guararapes e também por sua trajetória como parteira, que já registra mais de 5 mil partos, sem nenhum óbito, tendo o último parto ocorrido no último dia 6 próximo passado. Isso quer dizer que S.Sa. ainda está atuando, ainda está trabalhando. *(Palmas.)*

Estávamos aqui comentando sobre o tamanho dela e a grandiosidade de seu trabalho. É uma grande mulher! Filha e neta de parteiras, a pernambucana hoje com 70 anos é parteira tradicional desde 1959. Venceu dificuldades e transformou-se numa batalhadora na luta das mulheres por seus direitos. Maria dos Prazeres de Souza, que faz parte do movimento Mães da Pátria, que luta pela valorização das parteiras tradicionais, presta atendimento a mulheres da comunidade da Região Metropolitana de Recife.

Foi uma das idealizadoras do projeto Comadre, executado pela Secretaria de Saúde do Governo do Estado de Pernambuco, que tinha por finalidade orientar, com a colaboração das parteiras, as mulheres sobre pré-natal, aleitamento materno e cuidados na hora do parto. Também participou da elaboração de cartilha de orientação a gestantes e parturientes.

Para melhor realizar a atividade profissional que abraçou, Maria dos Prazeres frequentou cursos espe-

cializados e seminários sobre temas diversos, entre eles cumpre citar Enfermagem, UTI e Neonatologia, Maternidade Segura, Promotores Legais Populares/Parteiras, Práticas Populares em Saúde, Monitoria e Supervisão de Parteiras Tradicionais e Direitos Reprodutivos.

Por sua reconhecida contribuição para a formação de novas parteiras e pelo excelente trabalho que realizou ao longo de 48 anos, ao se aposentar foi homenageada pelo Real Hospital Português, no Recife.

Atualmente nossa agraciada constrói, com recursos próprios, um galpão no terreno de sua casa, onde dará aulas de orientação às mulheres, apoio ao trabalho das parteiras e ajuda à comunidade de Supupira, onde reside.

A maior preocupação de Maria dos Prazeres é com relação aos direitos das parteiras tradicionais. Segundo ela, no Congresso Nacional há 3 projetos de lei em tramitação que buscam garantir direitos trabalhistas à categoria das parteiras.

“Fiquei muito feliz em ganhar esse prêmio. Ele representa o reconhecimento dessa minha luta de 40 anos”, afirmou Maria dos Prazeres sobre o Bertha Lutz. “O Brasil deve continuar reconhecendo as parteiras tradicionais, resgatando suas histórias e suas lutas”, acrescenta ela.

Sra. Maria, a senhora nos passou a mensagem e vamos fazer nosso papel de legisladores. Estou aqui ao lado da Coordenadora da Bancada Feminina na Câmara dos Deputados. Deputadas e Senadoras, juntamente com Deputados e Senadores, vamos nos informar sobre esses projetos e trabalhar para que essa legislação, a seu pedido, seja aprovada. *(Palmas.)*

Vamos fazer avançar e tramitar projetos que valorizam essa tão importante e necessária profissão de parteira no País.

Obrigada por sua dedicação às mulheres e por chamar a atenção para esse tema mais uma vez.

Nosso abraço, nossa consideração, Maria dos Prazeres.

Convido a entregar a premiação à Sra. Maria dos Prazeres de Souza a Deputada Fátima Bezerra e o Senador Augusto Botelho. *(Palmas.) (Pausa.)*

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko) – Obrigada, Senador Augusto Botelho.

É o seguinte o diploma:



SENADO FEDERAL

O Presidente do Senado Federal, de acordo com a Resolução nº 2, de 2001, confere

a *Maria dos Prazeres de Souza* o

Diploma "Mulher-Cidadã Bertha Lutz", em reconhecimento à relevante contribuição à

defesa dos direitos da mulher

Senado Federal, 18 de março de 2008.

Senado Federal
 Senado
 Senado

Senado Federal

BERTHA LUTZ

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Com a palavra a homenageada, Sra. Maria dos Prazeres.

A SRA. MARIA DOS PRAZERES DE SOUZA

– Quero repetir as palavras do escritor Fernando Pessoa, quando diz: *“Deus quer, o homem sonha e a obra se realiza.”*

A melhor coisa é viver em paz com Deus, com o próximo e com a consciência.

Obrigada. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Parabéns à nossa querida homenageada Maria dos Prazeres.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Lembro que o Senador Augusto Botelho é médico ginecologista.

Saúdo a Deputada Fátima Bezerra.

A próxima homenageada é Jandira Feghali. (*Palmas.*)

Médica, clínica geral, é fundadora da União Brasileira de Mulheres do Estado do Rio de Janeiro.

Iniciou sua vida pública na condição de sindicalista. Exerceu mandato de Deputada Estadual e, por 4 vezes, de Deputada Federal. Atualmente, é titular da Secretaria de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia no Município de Niterói, Rio de Janeiro.

No Congresso Nacional, entre outras atividades, atuou na bancada suprapartidária de mulheres parlamentares em defesa da saúde, a favor dos direitos humanos e contra a discriminação das mulheres.

Nossa homenageada assumiu a luta em defesa do empoderamento das mulheres e da sociedade historicamente discriminada e “incivilizada”, entre outras.

Continua a contribuir para ampliar a consciência das mulheres como cidadãs e garantir a sua participação política, apoiando e fomentando ações que integrem as mulheres nas diferentes esferas de poder.

Na qualidade de Parlamentar, contribuiu, nacionalmente, para garantir mecanismos institucionais em defesa dos direitos humanos por meio da apresentação de projetos de lei e de realização de inúmeras audiências públicas, inclusive regionalizadas, com a participação de setores da sociedade civil. Seu trabalho está totalmente ligado ao movimento social, principalmente ao movimento sindical de mulheres.

Hoje, é também conselheira da União Brasileira de Mulheres no Rio de Janeiro, seguindo firme em sua luta, principalmente no enfrentamento da violência e defesa da paz para todos.

Jandira Feghali, pessoalmente fui testemunha de sua luta. Se temos hoje a Lei Maria da Penha, para olhar pelas mulheres, em grande parte, devemos ao seu inequívoco esforço. (*Palmas.*)

Receba, Jandira Feghali, essa singela homenagem do Senado Federal.

Convido a Senadora Roseana Sarney e a Deputada Cida Diogo para entregarem a premiação à querida Jandira Feghali. (*Palmas.*) (*Pausa.*)

Obrigada, Jandira Feghali, Senadora Roseana Sarney e Deputada Cida Diogo.

É o seguinte o Diploma:



SENADO FEDERAL

O Presidente do Senado Federal, de acordo com a Resolução nº 2, de 2001, confere

a *Jandira Feghali* o

Diploma e "Mulher-Cidadã Bertha Lutz", em reconhecimento à relevante contribuição à

defesa dos direitos da mulher.

Brasília, Federal, 11 de março de 2008.

Leopoldina Sena
Presidente do Senado Federal

Leopoldina Sena
Presidente do Senado Federal

BERTHA LUTZ

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Concedo a palavra à Sra. Jandira Feghali.

A SRA. JANDIRA FEGHALI – Em brevíssimas palavras, quero dizer que é com muita honra que volto ao Congresso Nacional – permaneci 16 anos na Câmara dos Deputados – para receber esse prêmio do Senado da República. Agradeço não apenas a esta Casa, mas aos Senadores que votaram no Conselho.

Esse prêmio não é meu, é nosso, porque, de fato, poderíamos, como fiz ontem na Assembléia Legislativo do Estado, dizer que tenho de dividi-lo com minha mãe, com meus filhos, Helena e Thomaz, que reafirmam diariamente a magia da maternidade e que, ao mesmo tempo, desafiam-me a educá-los com valores de igualdade e de solidariedade, mas, principalmente, preciso dividi-lo com todas vocês Ministras, Deputadas, Senadoras, com as entidades e, principalmente, com as mulheres do povo que, junto com o meu partido, PCdoB, que tem uma posição avançada e emancipacionista, ajudaram-me a construir uma trajetória que hoje me leva a receber o Prêmio Bertha Lutz.

Com muito carinho e com muita honra, recebo este prêmio do Senado Federal.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Serys Slhessarenko) – Obrigada, querida Jandira Feghali.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Serys Slhessarenko) – Homenagearemos agora a memória de uma grande mulher: Leocádia Felizardo Prestes.

Houve muitas mulheres na história do Brasil. Leocádia Prestes não foi simplesmente a genitora do Cavaleiro da Esperança, mas sim a própria definição de esperança.

Leocádia foi mulher de seu tempo, mas soube ir além das suas circunstâncias. Ativa e ativa, guerreira e combativa, sua luta pelos direitos humanos e contra as atrocidades cometidas por Governos ditatoriais serviu de exemplo para toda uma geração de mulheres que militam na vida pública, na qual todas nós aqui nos incluímos.

Leocádia foi o mais bem acabado exemplo da mulher-coragem. Seu manifesto espírito maternal não se esgotava na figura de sua prole. Nada parecia detê-la. O impulso libertador que a movia fazia com que o espírito da GESTAPO, a polícia getulista ou qualquer aparelho repressor lhe parecessem pequenos obstáculos a serem transpostos. Estava convicta de que a tarefa de que se incumbira estava muito acima de ameaças, afrontas ou intimidações.

Na celebração do Dia Internacional da Mulher, nada mais oportuno do que evocar a imagem de D. Leocádia Prestes como símbolo maior da garra e do vigor inerentes à condição feminina. Ela conseguiu resgatar

sua neta Anita das garras dos nazistas, contra tudo e contra todos. Preservou-a da tragédia que se abateu sobre a mãe, Olga Benário, outro exemplo de mulher que não fugiu à luta.

Não foi por acaso, senhoras e senhores, que Pablo Neruda escreveu, certa vez, que a figura de D. Leocádia fez “*grande, más grande, a nuestra América*”. O laureado poeta chileno, mesmo alhures, tinha a exata dimensão da importância da sua luta, da sua história.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Para receber as homenagens do Conselho do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz no Senado Federal, *in memoriam*, chamamos a Sra. Zoia Prestes, neta de Leocádia. E para entrega da placa, o Exmo. Sr. Senador Inácio Arruda, Vice-Presidente do Conselho do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz. (*Palmas.*)

Com a palavra a Sra. Zoia Prestes.

A SRA. ZOIA PRESTES – Estou emocionada, mas vou tentar ler o que escrevi sobre a minha avó.

Senhoras e senhores, em nome da família Prestes – somos 10 irmãos; minha mãe, Maria Prestes, tem hoje 22 netos e 4 bisnetos -, quero agradecer ao Congresso Nacional esta homenagem a nossa avó, Leocádia Felizardo Prestes. Agradeço especialmente ao Senador Inácio Arruda, autor desta iniciativa.

Nossa avó foi uma mulher que influenciou decisivamente na formação do caráter do nosso pai, Luiz Carlos Prestes. Em todos os momentos difíceis pelos quais passou, o Cavalheiro da Esperança, denominação com a qual ele entrou para a história, demonstrou sempre integridade moral, dignidade e honestidade, que foram, como ele mesmo dizia, lições sérias de formação de caráter recebidas de sua mãe.

Meu pai contava que ainda no início do Movimento Tenentista, que culminou com o Levante dos 18 do Forte de Copacabana, foi minha avó quem o proibiu de sair de casa, pois estava com febre alta em consequência do tifo. No dia 5 de julho de 1922, quando as tropas revolucionárias se levantaram no Rio de Janeiro, o jovem tenente de 24 anos, que havia participado ativamente daquela conspiração militar, tentou vencer as dificuldades físicas e vestir a farda para se juntar aos colegas, mas desmaiou em casa e desistiu. Com um sorriso, ele nos contava que, na verdade, sua mãe havia proibido que saísse de casa e comentava: “*Aprendi naquele dia, com a minha mãe, que um revolucionário, antes de mais nada, tem de cuidar da sua própria saúde.*”

Movida por esse amor de mãe, com o qual protegeu o filho em um dos mais marcantes episódios de nossa história, Dona Leocádia jamais questionou qualquer decisão do filho. Assim foi em relação à Marcha da Coluna Prestes, em 1924, e também quando meu

pai resolveu se filiar ao Partido Comunista, em 1934. Dizia Leocádia: “*Se meu filho seguiu por esse caminho, é porque é o caminho certo.*”

Com esse sentimento, minha avó Leocádia desencadeou a campanha internacional pela libertação do filho, preso nos porões da ditadura Vargas, entre 1936 e 1945, e de Olga Benário, sua primeira mulher, presa em um campo de concentração nazista de Hitler.

Minha avó correu o mundo denunciando as condições desumanas às quais eram submetidos todos os comunistas presos no Brasil e na Alemanha. Foi também com esse mesmo espírito de luta que conseguiu arrancar das mãos do nazismo a pequena neta, Anita, nascida em uma prisão feminina em Berlim.

Mas, como dizem que não fica bem estender-se em elogios a gente da própria família, vou pedir permissão para ler alguns trechos de um poema escrito pelo grande chileno Pablo Neruda, *Dura Elegia*, que foi lido por ele à beira do túmulo de minha avó, na cidade do México, em 18 de junho de 1943. Nessa data, meu pai ainda estava preso no Brasil e só visitou o túmulo de sua mãe 46 anos depois, 6 meses antes de ele mesmo falecer.

Neruda descreve, em poesia, a força e a luta de minha avó:

“Senhora, fizeste grande, tão grande, a nossa América.

*Deste-lhe um puro rio de águas colossais;
deste-lhe uma árvore alta de infinitas raízes;*

um filho teu digno de sua Pátria profunda. (...)

Senhora, hoje herdamos tua luta e tua dor.

Herdamos teu sangue que não teve descanso.

*Juramos à terra que te recebe agora
não dormir nem sonhar até a volta de teu filho.*

*E como em teu colo sua cabeça faltava
também nos falta o ar que seu peito respira,*

nos faz falta o céu que sua mão mostrava.

*Juramos continuar as detidas veias,
as detidas chamas que em tua dor cresciam.*

Juramos que as pedras que virão a deter-te

vão escutar os passos do herói que retorna.

Não tem prisão para Prestes que esconda seu diamante,

*o pequeno tirano quer ocultar o fogo
com suas pequenas asas de morcego frio
e se envolve no impuro silêncio da ratazana*

que furta nos corredores do palácio noturno.

Porém, como uma brasa acesa incandescente

*através das barras de ferro em cinzas
a luz do coração de Prestes sobressai.*

Como nas grandes minas do Brasil a esmeralda,

como nos grandes rios do Brasil a correnteza

e como em nossos bosques de índole poderosa

sobressai uma estátua de estrelas e folhagem,

uma árvore das terras sedentas do Brasil.

Senhora, fizeste grande, tão grande, a nossa América.

*E teu filho algemado combate junto a nós,
a nosso lado, cheio de luz e de grandeza.*

Nada pode o silêncio da aranha implacável

contra a tempestade que desde hoje herdamos.

Nada podem os lentos martírios deste tempo

contra seu coração de madeira invencível.

O chicote e a espada que tuas mãos de mãe

passaram pela terra como um sol justicheiro

iluminam as mãos que hoje te cobrem de terra.

O que feriu teus cabelos trocaremos amanhã.

Amanhã romperemos o doloroso espinho.

Amanhã inundaremos de luz o tenebroso cárcere que há na terra.

Amanhã venceremos.

E nosso Capitão estará junto a nós.”

Obrigada. (Palmas.)

A SR. PRESIDENTA (Serys Silhessarenko) – Toda a nossa homenagem à Sra. Leocádia Prestes.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Silhessarenko) – Antes de passarmos a palavra para a coordenadora da bancada feminina na Câmara dos Deputados, Deputada

Sandra Rosado, peço uma salva de palmas a todas as nossas homenageadas. (*Palmas prolongadas.*)

(*Chuva de pétalas de rosas.*)

(*Pausa.*)

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Com a palavra a Deputada Sandra Rosado.

A SRA. SANDRA ROSADO (Bloco/PSB-RN. Sem revisão da oradora.) – Meus cumprimentos à Sra. Presidenta, Senadora Serys Slhessarenko, à Sra. Nilcéia Freire, à Senadora Lúcia Vânia, à Sra. Denise Pereira Alves, à Sra. Deputada Íris de Araújo, às senhoras que compõem a Mesa e a todas as mulheres do Brasil.

Faço neste momento uma homenagem muito especial a todas as mulheres que receberam essa premiação tão importante e tão digna, e o faço por intermédio de uma companheira que conheci no meu primeiro mandato. Não quero, com isso, diminuir nenhuma homenagem aqui prestada. Mas, na figura da Deputada Jandira Feghali, abraço todas as homenageadas desse dia. Jandira marcou o nosso primeiro mandato como uma mulher brava e corajosa. Fico feliz em vê-la novamente.

O Dia Internacional da Mulher é uma data carregada de simbolismo, ao evocar a morte de 129 tecelãs de Nova Iorque, em 8 de março de 1857, durante a primeira greve norte-americana conduzida apenas por trabalhadoras, cujas reivindicações eram fortemente marcadas pela perspectiva feminina: o direito a algum tipo de licença-maternidade e à redução da jornada diária de 14 para 10 horas.

Em tais reivindicações, feitas há 150 anos, já estava implícita a dificuldade, enfrentada ainda hoje por muitas mulheres, de conciliar os tradicionais papéis de mãe e de cuidadora do lar com as exigências da vida profissional.

O compromisso com a luta pelo fim dessa e de outras dificuldades, em busca do estabelecimento da plena igualdade de gênero, é o que o 8 de março, com toda a carga simbólica, estimula-nos a renovar a cada ano.

Nesse sentido, na condição de coordenadora da bancada feminina na Câmara dos Deputados – função para a qual, aliás, muito me honra ter sido eleita em fevereiro passado -, aproveito a presente oportunidade a fim de tecer algumas considerações a respeito do tema *Espaço e Poder*.

Trata-se do tema escolhido para inspirar, Presidenta Serys Slhessarenko, a ação de nossa bancada em 2008. E a escolha foi feita com base na percepção de que, embora, ao longo dos últimos anos, a mulher tenha obtido importantes conquistas no mercado de trabalho, ainda há um longo caminho a percorrer com

vistas à obtenção de maior participação na vida política e nas posições de liderança.

Por exemplo: hoje é marcante a prevalência feminina na área educacional, registrando a maioria das matrículas no nível médio, dominando a graduação e obtendo o maior número de bolsas de mestrado e doutorado. Tal situação é fruto do enorme esforço das brasileiras, que, sem abrir mão de seu papel de mulher e mãe, se empenham no desenvolvimento integral de suas potencialidades. Estudam, trabalham, cuidam dos filhos e, muitas vezes, sustentam a casa sozinhas. Mesmo assim, recebem, em média, remuneração 30% menor que a dos homens, bem como experimentam baixa representatividade nas instâncias sindicais, legislativas e governamentais, entre outras.

Na Câmara detemos, na atual Legislatura, somente 46 dos 513 mandatos. É muito pouco, apenas 8% para representar a metade da população e do eleitorado nacional. Além disso, nenhuma Deputada jamais participou, em cargo efetivo, da composição da Mesa Diretora.

Os poucos exemplos mencionados bastam para dar uma idéia da situação de exclusão dos espaços de poder ainda vivida pela mulher brasileira, situação que se manifesta de forma especialmente brutal nas agressões sofridas no interior dos próprios lares, em geral praticadas por maridos ou companheiros, ou na dificuldade de acesso ao planejamento familiar consciente, resultando nas terríveis estatísticas relativas ao aborto, que já alcançam a dimensão de problema de saúde pública.

É evidente que a mulher precisa conquistar mais espaço nos partidos e nas diversas instâncias de poder da sociedade, a fim de assegurar o exercício de direitos e a plena cidadania, pois, segundo a União Interparlamentar, “*o conceito de democracia só assumirá significado verdadeiro e dinâmico quando as políticas e legislações nacionais forem decididas conjuntamente por homens e mulheres com equidade na defesa dos interesses e atitudes de um e de outros.*”

Portanto, em sintonia com a presente tendência mundial de redução da desigualdade de gênero, principalmente em termos de participação política, e inspirada no tema *Espaço e Poder*, a bancada feminina da Câmara dos Deputados promoverá, durante este ano, iniciativas dirigidas a reverter o quadro de discriminação ainda vigente contra a mulher brasileira.

Nesse sentido, devem ser examinadas formas de tornar mais efetiva a Lei de Cotas, possibilitando não apenas a candidatura, mas a eleição de maior número de mulheres ou formas de estimular a participação feminina mediante a reserva de certo montante de recursos do fundo partidário, bem como de parte do

horário da propaganda gratuita; ou mesmo formas de garantir a representação proporcional dos sexos nas Mesas Diretoras do Senado e da Câmara e também nas Comissões Permanentes e Temporárias.

Ainda pretendemos que a Lei de Cotas estabeleça que se a lei não for respeitada ou se deixarem vagos esses espaços, os partidos políticos sofram penalidades, para que as mulheres realmente ocupem o lugar destinado a elas.

Enfim, ainda há muito espaço, especialmente nas instâncias políticas, a ser ocupado pelas mulheres. E as condições para que isso ocorra estão cada vez mais favoráveis.

Em clara demonstração de mudança de mentalidades, com a gradativa derrubada de preconceitos antes arraigados, quase 67% dos brasileiros, segundo recente pesquisa, declararam acreditar que uma presença feminina mais forte melhoraria o nível da política no País.

Reforçar essa presença é excelente caminho para estabelecer relações de poder igualitárias e justas e, assim, de acordo com o espírito inculcado na celebração do Dia Internacional da Mulher, contribuir para o desenvolvimento de uma nação efetivamente capaz de promover o bem-estar de todas.

Vi mulheres simples, mulheres que se destacaram na vida deste País, no passado e no presente, que construíram e que continuam a construir a nossa história. Precisamos, sim, ocupar o espaço de poder, para que deixem de bater tanto nas mulheres.

Nós, Parlamentares desta Casa, sofremos igualmente, como todas as mulheres, discriminação, perseguição e violência.

Na semana passada, a Câmara dos Deputados realizou homenagem para entrega do Diploma Carolina Pereira de Queiroz. Homenageamos uma mulher que foi Deputada, que teve a coragem de denunciar a violência e foi assassinada há quase 10 anos. Seus assassinos ainda não foram punidos. Com base na história da Deputada Ceci Cunha, quero dizer que não se mata apenas fisicamente; ainda hoje se tenta matar as mulheres brasileiras agredindo-as ou tentando macular sua honra – esta também é uma forma cruel de matar as mulheres. Mas nós, mulheres de fibra, Deputadas, Senadoras, mulheres que participam dos mais diferentes movimentos da sociedade civil, temos coragem suficiente para enfrentar os agressores, não só aqueles que tentam nos matar fisicamente, mas também aqueles que tentam ferir a nossa alma, a nossa honra.

Vamos à luta, mulheres brasileiras! Está próximo o dia da vitória, em que alcançaremos um patamar de igualdade, sem discriminação e sem perseguição.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Obrigada, Deputada Sandra Rosado.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Com a palavra a Senadora Lúcia Vânia.

A SRA. LÚCIA VÂNIA (PSDB-GO. Sem revisão da oradora.) – Sra. Presidenta, Senadora Serys Slhessarenko, Deputada Fátima Bezerra, Deputada Jusmari Oliveira, Deputada Elcione Barbalho, Deputada Íris de Araújo, senhoras e senhores convidados, Parlamentares, homenageadas, cumprimento de forma muito especial a patrona do feminismo brasileiro, a escritora Rose Marie Muraro; a médica e ex-Deputada Federal Jandira Feghali; a Sra. Alice Editha Klausz, especialista em Antártica, que coloca sua experiência a serviço das pesquisas; a Presidenta da Associação das Parteiras de Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, Maria dos Prazeres de Souza; a geneticista Mayana Zatz; a Sra. Terezinha Zerbini e a Sra. Leocádia Prestes.

Antes de iniciar minhas palavras em homenagem às mulheres que receberam o Prêmio Bertha Lutz, quero destacar, dentre elas, duas que estiveram mais próximas de nós. Com disse a Deputada Sandra Rosado, isso não quer dizer que vamos menosprezar as outras ou que elas sejam menos importantes.

Mas a ex-Deputada Jandira Feghali esteve sempre muito perto de todas nós. Ela é a pioneira, a vanguarda de toda essa luta que enfrentamos no Parlamento. Eu, especialmente, tenho de Jandira Feghali uma lembrança muito especial, porque sempre estivemos juntas em vários embates, embora sejamos de partidos inteiramente diferentes. No Senado Federal, tive a honra de relatar a Lei Maria da Penha, pela qual ela foi, sem dúvida nenhuma, a grande batalhadora. Percorreu o Brasil inteiro, pôs a sua inteligência e a sua perspicácia a serviço das mulheres brasileiras em defesa dessa lei.

No Senado da República, em nome de todas as mulheres, tive a preocupação de não alterar o projeto da ex-Deputada Jandira Feghali, tal a perfeição a que ela chegou, se é que pode haver perfeição em um projeto tão complexo.

A nossa segunda preocupação era no sentido de não permitir que fosse quebrada a autoria desse projeto. Queríamos que ele fosse aprovado com o nome da Relatora, Deputada Jandira Feghali, responsável pela Lei Maria da Penha. Portanto, Jandira, ao homenageá-la, quero homenagear todas aquelas outras que hoje recebem o prêmio e as que já o receberam.

Quero também dizer da minha experiência com a Mayana Zatz. Tivemos a alegria de poder realizar a primeira audiência pública no Senado Federal para discutir a utilização de células-tronco. Até então, aquela

Casa carregava consigo o preconceito em relação a esse tema, trazido pela rejeição do projeto na Câmara dos Deputados. Mayana Zatz foi e tem sido uma verdadeira quixote nessa luta, fazendo com que a sociedade brasileira hoje entenda a importância da liberação dessas pesquisas que vão, sem dúvida alguma, salvar muitas vidas.

Ao homenagear essas duas mulheres, homenageio todas as outras que já foram aqui reverenciadas pelas oradoras que me antecederam.

É com orgulho que participo, ao lado da Senadora Serys Slhessarenko, do comitê que seleciona essas mulheres brilhantes, que, sem dúvida alguma, são exemplos para todas as mulheres do nosso País.

Hoje vou fazer um discurso um pouco diferente daqueles que fazemos todos os anos, se é possível ser diferente num dia como este. Sempre usamos este dia aqui no Senado para fazer um balanço sobre os avanços e recuos nos desafios para superar as desigualdades entre homens e mulheres. Todos os anos registramos avanços importantes na educação, na saúde, no trabalho. O tempo passa, e a impressão que fica é a de que estamos sempre comemorando os mesmos avanços e as mesmas conquistas.

Este ano, chamou minha atenção um estudo da Prof. Eliana Cardoso, titular da Escola de Economia de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas.

Para fundamentar seu estudo, ela pede que os estudiosos usem a lupa para ler os números sobre a feminização da pobreza no Brasil, o que permitirá que todos aqueles que confiam tanto no mercado percam a fé no mercado como solução para combater a desigualdade entre homens e mulheres.

Prestem bem atenção nestes dados recentes. Entre 1992 e 2006, a participação das famílias chefiadas por mulheres nas áreas metropolitanas do Brasil aumentou de 19% para 32%. Porém, o mais extraordinário é o aumento de famílias chefiadas por mulheres entre famílias de indigentes nas áreas metropolitanas, de 22%, em 1992, para 42%, em 2006.

A proporção de famílias chefiadas por mulheres entre as famílias indigentes é hoje 10% mais alta do que a parcela das famílias chefiadas por mulheres no total da população.

Esse fato, segundo a economista, leva à conclusão de que as mulheres estão super-representadas entre os mais pobres. Ainda mais grave é que o aumento da indigência feminina ocorreu quando a pobreza encontrava-se em declínio, graças à combinação de maior crescimento com políticas distributivas.

O aumento no número de famílias chefiadas por mulheres não implica necessariamente aumento da pobreza.

A mulher de posses pode até experimentar maior liberdade e controle de suas finanças quando não pertence a uma família chefiada por homens, mas entre as famílias pobres, a mulher sozinha enfrenta a maior dificuldade de acesso ao trabalho e ao crédito e mais discriminação.

Estratégias de redução da pobreza, cujo único instrumento é a transferência monetária, cuidam apenas de alguns sintomas da vulnerabilidade feminina.

Legislações e medidas dirigidas às necessidades femininas, como creches e escolas maternas, também são necessárias.

Oferecer uma solução ao problema de desigualdade entre homens e mulheres é uma boa economia, segundo o estudo.

A incidência da pobreza tende a ser menor nos países mais igualitários, porque os benefícios que a mulher independente e educada pode oferecer às crianças são formidáveis, como práticas de higiene e saúde, maior informação e maior habilidade em colocar em prática essas informações, menor número de crianças na família e maior participação da mulher na força de trabalho, com o aumento da renda familiar.

Na América Latina em geral, o problema da desigualdade não parece concentrado nas situações das mulheres que conseguiram entrar no mercado de trabalho; pelo contrário, ela está exatamente nas mulheres que não conseguiram entrar nesse mercado.

Esse fato requer uma reflexão sobre as nossas estruturas de poder. Existem incontáveis maneiras de dar às meninas e meninos direitos e privilégios desde o nascimento. O papel atribuído à mulher na infância terá consequências sobre a dependência, vulnerabilidade e segurança financeira das crianças. Esses temas dizem respeito a valores e poder.

O gênero é uma construção social. O fato de as mulheres receberem a função de cuidar dos afazeres domésticos sem remuneração é uma construção do poder masculino; não corresponde a um código biológico, mas é resultado da distribuição do poder na sociedade.

As mulheres estão sub-representadas em posição política no Brasil e no mundo. Eliminar a desigualdade na arena política teria consequências importantes na igualdade entre homens e mulheres, como mostra o trabalho de Esther Duflo, que investiga o impacto da liderança feminina nas decisões de política econômica.

A pesquisa mostra que essa participação gera consequências auspiciosas, interferindo positivamente na busca de melhores condições de trabalho e no maior envolvimento nas decisões quando o dirigente é uma mulher.

Finalizando, Eliana Cardoso afirma: “*Como o poder não é uma herança genética, as mulheres podem trabalhar para mudar essa distribuição.*”

Portanto, espero que no próximo ano estejamos aqui para comemorar as barreiras vencidas, dentre outras barreiras, em prol de uma maior participação política da mulher.

Acredito que esse seja um dos grandes caminhos para que realmente possamos eliminar esta triste carga que é a feminização da pobreza.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Solicitamos às Sras. Deputadas e Senadoras que utilizem a palavra por 2 a 3 minutos.

Com a palavra a Deputada Elcione Barbalho.

A SRA. ELCIONE BARBALHO (Bloco/PMDB-PA. Sem revisão da oradora.) – Sra. Presidenta, Senadora Serys Slhessarenko; Senadora Lúcia Vânia; Sra. Denise Alves; Deputadas Íris de Araújo, Jusmari Oliveira, Janete Capiberibe, Fátima Bezerra; ex-Senadora Emília Fernandes, hoje Presidenta do Fórum de Mulheres do MERCOSUL: em nome do meu partido, o PMDB, saúdo todos os participantes desta sessão solene do Congresso Nacional para comemoração do Dia Internacional da Mulher e entrega do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz.

Sras. e Srs. Parlamentares, senhoras e senhores convidados, “*ninguém nasce mulher, torna-se mulher*”. A célebre frase proferida pela escritora e filósofa francesa Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo*, de 1949, continua a ser um marco extremamente atual na reflexão da condição imposta ao sexo feminino pela sociedade, ainda nos dias de hoje.

As pessoas nascem livres e com potencial ilimitado. Quem as aprisiona e, muitas vezes, acaba por determinar e restringir o seu papel é a sociedade a que pertence.

Mesmo assim, em uma época em que a palavra “feminismo” nem sequer havia sido cunhada, algumas mulheres decidiram que seriam diferentes, que não se deixariam aprisionar. Acreditaram, de todo coração, que seria melhor morrer se não pudessem viver uma vida plena, de liberdade e coerente com seus ideais.

Alguns desses seres especiais, que orgulham não apenas as mulheres, mas toda a raça humana, foram responsáveis pela quebra de paradigmas da sociedade de determinada época.

Leila Diniz, símbolo da liberdade feminina dos anos 60, é um desses exemplos de mulher que quebrou tabus em uma época em que a repressão dominava o Brasil. Ousada e muito à frente de seu tempo, Leila afrontou com naturalidade uma sociedade altamente machista, entre outras coisas, porque não ti-

nha pudor ou vergonha de falar francamente de seus sentimentos.

E o que dizer de Patrícia Galvão? Jornalista e ativista política, Pagu apareceu na cena nacional em 1929, aos 18 anos, época em que já freqüentava com desenvoltura o movimento antropofágico, comandado por Oswald de Andrade, que depois se tornaria seu marido.

Numa época em que se esperava das mulheres um papel bem mais modesto, Pagu militava no Partido Comunista Brasileiro. Foi a primeira mulher presa no País por motivos políticos.

O livro *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* foi publicado em 1832, em Recife, quando sua autora, Nísia Floresta, tinha apenas 22 anos, em uma época em que as mulheres tinham de obedecer as vontades masculinas.

Chiquinha Gonzaga abdicou-se do papel de sinhá e abriu mão de um casamento – era um meio de vida à época – para sucumbir à paixão pela música e vivê-la de forma intensa, sem restrições.

Sras. e Srs. Parlamentares, esses são exemplos de vida que valem mais que mil palavras. Não gostaria de encerrar, no entanto, sem falar de Olga Benário, a mulher que se abdicou da própria vida por uma causa em que acreditava. Mulher, amante, mãe, foi obrigada a abrir mão de seus maiores amores, mas não fraquejou em sua crença. A jovem militante comunista alemã, de origem judaica, foi entregue pela ditadura getulista para ser morta pelo regime nazista em um campo de concentração.

Em homenagem a todas essas mulheres e a tantas outras às quais a história não fez justiça, precisamos nos tornar, a cada dia, não apenas a mulher que a sociedade espera de nós, mas também aquela que nós queremos e ousamos ser, quebrando paradigmas e tabus para as gerações futuras.

É com exemplo de vida, Sra. Presidenta, que podemos dedicar nosso mandato a uma causa maior.

Parabenizo todas as mulheres que neste momento recebem o prêmio que leva o nome da grande mulher Bertha Lutz.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Concedo a palavra à Deputada Fátima Bezerra.

A SRA. FÁTIMA BEZERRA (PT-RN. Sem revisão da oradora.) – Sra. Presidenta, Senadora Serys Slhessarenko, em nome de quem cumprimento as demais Senadoras e Deputadas, minha querida Deputada Jandira Feghali, Maria dos Prazeres, Magna e Alice. Enfim, cumprimento todas vocês e, ao abraçá-las, abraço todas as mulheres do nosso País.

Maria dos Prazeres, quero dizer-lhe da emoção que tive ao ser convidada para lhe entregar o prêmio, uma vez que também sou filha de parteira. Ao homenageá-la, lembrava-me de minha mãe, D. Luzia, que teve uma vida parecida com a sua. E costumo dizer que era uma pedagoga da vida, da esperança, alguém que me deu lições de vida muito importantes.

Senadora Serys Slhessarenko, por ocasião do Dia Internacional da Mulher, nós, da bancada feminina na Câmara dos Deputados, elencamos 2 temas para refletir a respeito este ano: de um lado, a Lei Maria da Penha e o combate à violência; de outro, a mulher e os espaços de poder.

Quero aqui rapidamente refletir um pouco sobre a temática da mulher e os espaços de poder, pegando inclusive como marco a Constituição de 1988, que este ano completa 20 anos. E são inegáveis os avanços da Constituição de 1988 no que diz respeito à participação das mulheres.

Conversava há pouco com a Deputada Jandira Feghali, que, naquela época, era Constituinte. Naquela ocasião, tivemos aqui uma bancada de apenas 26 mulheres, mas que deram uma contribuição inestimável para que inseríssemos conquistas importantes na Constituição de 1988.

No art. 5º está claramente celebrada a igualdade de gênero no que diz respeito aos direitos civis e políticos, sendo vedada toda e qualquer tipo de discriminação.

No entanto, passados esses 20 anos, Senadora Serys, infelizmente constatamos que há uma distância muito grande entre o que está na lei e o que existe no cotidiano. Por isso, insisto em dizer que, mais do que nunca, temos de convocar as mulheres a participarem do debate da vida política e da vida partidária.

É insustentável, não é saudável, de maneira alguma, que estejamos na invisibilidade do ponto de vista dos espaços de poder. Por mais qualidade e competência que tenhamos, não é normal sermos 52% da população, e termos aqui apenas 46% de mulheres. Não é normal que em 2004, em 75% dos Municípios, Deputada Jandira Feghali, não houvesse uma única mulher candidata a Prefeita. Não é normal que a nossa presença nas Câmaras Municipais não passe de 12% Brasil afora, enquanto em países vizinhos, como a Argentina, e na Europa a participação das mulheres já passa da casa dos 30%.

Ao encerrar, Sra. Presidenta, Senadora Serys Slhessarenko, deixo aqui a nossa convocação. Este ano é de eleições. Por que as mulheres não se candidatarão? Será que é porque não querem? Claro que não. Há uma série de razões que dificultam a participação das mulheres. E as dificuldades que essas mulheres

enfrentam, na maioria das vezes, começa dentro do seu próprio partido. A grande maioria dos partidos não tem ainda a cultura de incentivar e estimular a participação das mulheres.

Claro que temos uma grande batalha pela frente no que diz respeito à reforma política, porque é evidente que precisamos fazer mudanças na Lei de Cotas, no Fundo Partidário, no horário gratuito destinado aos partidos.

Deixo registrada aqui a nossa reflexão, porque não é aceitável, de maneira alguma, que sejamos sub-representadas dessa maneira. É o que os estudiosos costumam dizer, existe um déficit de gênero na democracia brasileira.

Ao concluir, homenageio as mulheres com os versos de Clarice Lispector:

“Mas há a vida que é para ser intensamente vivida, há o amor. Que tem que ser vivido até a última gota. Sem nenhum medo. Não mata.”

Obrigada. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Obrigada, Deputada Fátima Bezerra.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko) –

Concedo a palavra ao nobre Senador Inácio Arruda.

O SR. INÁCIO ARRUDA (PCdoB-CE. Sem revisão do orador.) – Sra. Presidenta, Sras. Senadoras, Sras. Deputadas, senhoras homenageadas pelo Prêmio Bertha Lutz, tenho a honra de ser Vice-Presidente do Conselho do Diploma Mulher-Cidadã, juntamente com os Senadores Cristovam Buarque, Sérgio Zambiasi e Romeu Tuma. Não se trata de um Conselho formado apenas por mulheres, mas por Parlamentares, homens e mulheres, que buscam homenageá-las pela atuação, pela contribuição com a emancipação feminina e, sobretudo, com o engrandecimento da sociedade brasileira. São causas maravilhosas que elas representam.

Primeiro quero destacar que o nosso prêmio nasce de uma trajetória de luta intensa das mulheres, e a causa central de o dia 8 de março ter-se transformado nessa data de homenagem está ligada à luta das mulheres no mundo, principalmente nos Estados Unidos da América.

Elas lutavam naquele país para reduzir a jornada absolutamente extravagante, que alcançava de 14 a 16 horas de trabalho nas fábricas, especialmente nas têxteis. Resolveram travar uma luta com o patronato, que negou todas as suas reivindicações. As operárias fizeram uma greve, e os patrões as trancaram na fábrica e a incendiaram, matando as 127 mulheres. Elas foram assassinadas, e esse dia ficou marcado para sempre na história da humanidade.

Daí se desenvolve todo o movimento de luta dos homens e das mulheres para reduzir a jornada de trabalho. Em seguida, essa data, por intermédio das mulheres socialistas e comunistas, torna-se referência de grandes manifestações, até que as Nações Unidas a reconhecem como Dia Internacional da Mulher.

Sra. Presidenta, Senadora Serys Slhessarenko, já foi destacada a trajetória da luta das mulheres, mas quero, no pouco tempo de que disponho, fazer duas referências.

A primeira, ao Partido Comunista do Brasil, que realizou, em 2007, a Primeira Conferência Partidária para tratar da questão da mulher, o que tem grande significado porque é o primeiro partido brasileiro que procura envolver as mulheres e os homens na luta pela emancipação feminina.

A segunda, a essas homenageadas. O Conselho Bertha Lutz foi muito feliz. Este ano aumentamos a nossa felicidade porque homenageamos a ex-Deputada Jandira Feghali, que atua hoje como executiva em Niterói, está no governo com grande desempenho, e teve uma trajetória belíssima ligada à luta do povo brasileiro e à causa da mulher.

Disse há pouco a Senadora Lúcia Vânia: *“Talvez a Lei Maria da Penha devesse ser Lei Jandira Feghali”*. Mas a forma de atuar, de se articular com o movimento social, talvez tenha feito com que Jandira preferisse que a lei fosse ligada a uma das mulheres que mais lutou para ter seus direitos reconhecidos, a Maria da Penha. Por isso, a lei passou a ter esse nome. Jandira Feghali, porém, foi a mentora dessa articulação política.

Alice Editha Klausz navegou nos mares da Antártica como voluntária. Não precisava mais. Poderia alegar: cumpri minha obrigação. Estou aposentada. Vou para casa. Para casa o quê? Tenho de aumentar o conhecimento do Brasil sobre aquela região. Tenho então de me dedicar voluntariamente a essa grande causa.

Maria dos Prazeres de Souza fez as mulheres parir adequadamente sobre suas mãos.

Rose Marie Muraro, intelectual com grande intervenção nos movimentos social e de mulheres.

Therezinha Zerbini e Mayana Zatz. Fiz questão de lutar para que estivessem presentes porque no nosso tempo o obscurantismo não pode prevalecer jamais. Eu lhe asseguro – antigamente se fazia fogueira – que não haverá fogueira. O fogo será para iluminar nossas decisões sábias de fazer a ciência avançar para o bem da humanidade.

Leocádia Prestes. Neruda escreveu uma poesia e foi declamá-la no enterro dela.

Fizemos escolhas belíssimas de mulheres lindas que lutaram pelo povo brasileiro e pela humanidade.

Poderíamos fazer referência a tantas outras mulheres espetaculares que estão neste momento lutando não só pela emancipação feminina, mas também para que a humanidade viva mais feliz.

Sra. Presidenta, aproveito para dizer que o sentido que consagrou o 8 de março como Dia Internacional da Mulher é o de um referencial histórico dos movimentos que denunciaram a opressão da mulher na sociedade patriarcal e, ao mesmo tempo, enfatizaram a importância de sua participação nos processos de transformação da sociedade.

O Dia Internacional da Mulher, assim instituído, assume fundamental importância ao colocar a emancipação feminina como uma das condições para a emancipação da humanidade, inserindo a mulher como agente das transformações sociais, políticas e econômicas necessárias à construção de um novo padrão civilizatório.

Não restam dúvidas: este dia é realmente muito especial para todos nós; é o símbolo de uma nova compreensão, de um novo olhar sobre a questão da mulher no mundo contemporâneo.

Decorridos 33 anos desde que a ONU instituiu o dia 8 de março como Dia Internacional da Mulher, em 1975, observamos que ainda temos muito a percorrer e compreender sobre o papel real da participação da mulher em suas diversas faces, no desenvolvimento e na formação do nosso País.

Certamente que o ano de 1975 é emblemático para a história de lutas da mulher, sobretudo a brasileira, que teve uma participação decisiva nos movimentos em nome da liberdade e da dignidade, enfrentando a ditadura e defendendo a democracia. Mas a contribuição feminina possui muito mais desdobramentos do que conhecemos.

Que dizemos da participação da mulher no processo de formação histórica e social do nosso povo, no tempo breve do Império, na efervescência da vida republicana? Sua participação na economia da época e sua compreensão da realidade histórica e política ainda não foram suficientemente compreendidas.

Se recuarmos no tempo, desde a sociedade colonial até os dias de hoje, vamos perceber que a luta das mulheres para conquistar na sociedade e na história o espaço que lhe é realmente devido acumulou muitas e expressivas vitórias ao longo desses séculos. Devemos, porém, lembrar que tais conquistas trazem também a marca da opressão, do preconceito e da intolerância, fundamentada nos valores e nas práticas da sociedade patriarcal que, historicamente, se tem caracterizado por minimizar ou eliminar por completo o papel desempenhado pelas mulheres na formação e no desenvolvimento do nosso País, especialmente

na edificação das causas transformadoras de nossa sociedade.

Sem a participação direta das mulheres nas instâncias de decisão, não haverá avanço significativo. A busca por espaços de poder e por políticas que promovam sua autonomia econômica e financeira são caminhos efetivos para sua emancipação. As mulheres, em todos os momentos significativos da história política e social, contribuíram para a conquista de um país desenvolvido, soberano, justo e fraterno. Ceraram fileiras em defesa de um projeto nacional que assegurasse e promovesse não só a prosperidade econômica, mas o avanço da igualdade social e das liberdades políticas.

No Brasil, nas últimas duas décadas, ampliou-se a incorporação da mulher nos diversos espaços da sociedade. Foi marcante o avanço da luta feminista a partir de 1975 com destaque para as conquistas obtidas no processo constituinte de 88. Hoje, no Governo Lula, construíram-se, com ampla participação democrática, políticas de Estado avançadas. Apesar disso, o contingente feminino continua sendo a parte da população mais vulnerável ao desemprego, aos baixos salários, à precarização do trabalho e à violência nas relações domésticas, sobretudo quando se trata da mulher trabalhadora e negra, que sofre o que chamamos de tripla discriminação: de gênero, raça e classe.

Sr. Presidente, a marca do nosso tempo é de grandes transformações no rumo de uma sociedade mais justa, livre e igualitária. Esse processo de ruptura impõe a participação sempre crescente das mulheres.

Para nós, do PCdoB, essa perspectiva de emancipação da mulher é tarefa indispensável para abrir caminho ao socialismo e para construir um novo projeto para a Nação brasileira.

Sra. Presidenta, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, minhas senhoras e meus senhores, homenagem e ressaltos à bravura, à sabedoria e à sensibilidade das camponesas, operárias, quilombolas, pescadoras, índias, mulheres do campo e da cidade.

O desejo de todos que patrocinamos o Prêmio Bertha Lutz é a felicidade dos homens e das mulheres, porque é assim que teremos a grande emancipação do povo brasileiro.

Viva o Dia Internacional da Mulher!

Parabéns a todas as mulheres!

Era o que tinha a dizer.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Obrigado Senador Inácio Arruda.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Concedo a palavra à Deputada Íris de Araújo.

A SRA. ÍRIS DE ARAÚJO (Bloco/PMDB-GO. Sem revisão da oradora.) – Sra. Presidenta, autoridades que compõem a Mesa; Sras. Deputadas, Sras. Senadoras que aqui estão e que aqui estiveram; homenageadas presentes, os meus cumprimentos.

Esta Mesa composta de homenageadas nos leva a fazer uma reflexão, provocada pela manifestação da Deputada Fátima Bezerra. Aqui está representado o passado, na pessoa da querida parteira, na beleza da sua profissão e no carinho e na singeleza de suas palavras, mas também há uma cientista, uma especialista em Genética, a Sra. Mayana Zatz.

O que me chama a atenção, senhoras e senhores que nos ouvem e que nos vêem – e tenho lutado muito por isso, Jandira Feghali, única política homenageada -, é justamente a dificuldade que temos em relação à participação da mulher na política, que não se refere apenas à ocupação de cargos aqui, na condição de representantes de uma população que nos delegou, por meio do voto, esta honrosa incumbência, mas também e principalmente à ótica dos partidos políticos.

A lei de cotas é ainda manca. E por que digo isso? Porque não se justifica o fato de os partidos políticos procurarem laranjas, em época de eleição, para cumprir as exigências da lei. Mulheres que não se elegem desestimulam outras que poderiam participar da política.

A lei de cotas tem de ser aprimorada. E por que não criar a lei de cotas de mulheres eleitas pelos partidos? Que se observe a lei de cotas, mas com mulheres eleitas. Aí vamos criar condições reais para dar à sociedade a representatividade que ela merece.

Vivemos uma democracia imperfeita, Sra. Presidenta, Senadora Serys Slhessarenko, se representamos 56% do eleitorado e ocupamos aqui, pifamente, apenas 10 vagas de Senador, das 81 existentes, e 49 vagas de Deputado Federal, das 513 existentes.

Percorro o Brasil fazendo palestras sobre a participação da mulher na política, e na última disse o seguinte, em tom de brincadeira: Gente, na Câmara Federal tem terno e gravata demais. Às vezes fico sufocada, sem demérito dos pares masculinos, naquele ambiente tenso, carregado, denso. Às vezes, preciso de um pouquinho do perfume da mulher.

Eram essas as minhas palavras, para a reflexão de todos.

Muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Muito obrigada, Deputada Íris de Araújo.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Com a palavra a Sra. Deputada Jusmari Oliveira.

A SRA. JUSMARI OLIVEIRA (PR-BA. Sem revisão da oradora.) – Sra. Presidenta, Senadora Serys

Shlessarenko, Deputada Janete Capiberibe, Deputada Íris de Araújo, senhoras homenageadas, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, estamos hoje em uma sessão de homenagem à mulher brasileira, destacando, por meio deste prêmio que o Senado Federal concede, as mulheres valorosas que fizeram diferença na história brasileira.

Claro que preparamos um discurso, mas mudamos porque a Presidenta exige-nos uma diferença de tempo.

Fiquei refletindo, enquanto outras Deputadas falavam, olhando para nossas homenageadas, especialmente, é claro, para uma que me inspirou muito na vida política, a Deputada Jandira Feghali, por sua garra, pela sua guerra, por sua defesa incontestada a todo tempo, a toda hora.

Perguntei-me: será que eu estaria no mandato de Deputada Federal se não fosse a sua luta? Será que estaríamos aqui na condição de Senadoras? Será que teríamos Deputadas Estaduais, apesar de tantas barreiras?

Queremos muito mais, e temos Vereadoras em todas as cidades.

No meu Município, Barreiras, na Bahia, quando me elegi Vereadora, fui a única mulher eleita e a primeira Presidenta do Poder Legislativo daquele Município. Hoje a maioria da Câmara de Vereadores de Barreiras é formada por mulheres.

Será que teríamos espaço econômico, social, científico e político na sociedade não fosse a luta dessas que foram homenageadas hoje, destacando, especialmente, aquela que não se encontra entre nós, representada por sua neta, Leocádia Prestes?

As mulheres, disse aqui nossa coordenadora, são mortas pela violência, são mortas materialmente e, às vezes, tentam matar as idéias e os ideais delas. Mas quando se luta, Jandira, quando se leva a mensagem com coragem, com vontade, não se morre nunca. Podemos até não estar materialmente aqui, como Leocádia, mas sua mensagem, sua missão, seu desejo de ver a participação da mulher não morre nunca.

Espelho-me, por exemplo, naquela mulher na Bélgica que foi, às portas do século XX, a primeira advogada diplomada, quando um escritor famoso da época, demonstrando preconceito inaceitável, disse: *“O mundo caminha para o fim dos tempos”*.

Hoje, o Brasil se orgulha de ver Ellen Gracie na Presidência do Supremo Tribunal Federal. A Bahia, por exemplo, orgulha-se de ver Sílvia Zarif na Presidência do Tribunal de Justiça da Bahia e Lúcia Carvalho na Presidência do Tribunal Eleitoral da Bahia.

A luta de todas essas mulheres é refletida nas vitórias de hoje. Vitórias importantes que nos levam a

tomar coragem para travar lutas importantes que ainda temos no contexto sociopolítico do nosso País.

Muitas vitórias podemos destacar, inclusive o direito ao voto, conquistado há pouco tempo. Agora, temos o dever – 46 Deputadas Federais e 7 Senadoras –, no Congresso Nacional, de levar à frente a luta deixada por outras mulheres que não estão neste Poder, a exemplo da nossa ex-Senadora Emília Fernandes, cuja bagagem continua a nos inspirar para continuarmos lutando no Parlamento.

Quero destacar não só as vitórias, mas os deveres contra os quais temos de lutar. Ainda temos de lutar contra a agressão verbal, física e psicológica de milhares de esposas em seu próprio recinto doméstico.

Lutar, por exemplo, para que o Brasil possa contar com uma estrutura que ampare as mulheres. Na CPI do Sistema Carcerário, Senadora, o que mais nos aborrece é ver que nas cadeias públicas não existe lugar para a mulher, porque nunca se pensou na participação feminina nesse mundo.

Em Provérbios 14:1, está dito que *“a mulher sábia edifica a sua casa”*. A mulher sábia edifica o mundo, a mulher sábia edifica o espaço onde vive e onde quer que as companheiras vivam.

A mulher sábia precisa, daqui para a frente, construir o mundo a partir dos espaços conquistados por essas mulheres homenageadas hoje e pelas mulheres que não foram, mas que mereciam estar aqui.

A mulher precisa edificar o mundo para que seja feita a diferença. Não vamos edificá-lo sozinhas. Não vamos construir um mundo apenas feminista. Na nossa sabedoria dada por Deus, buscaremos força nos exemplos que tivemos aqui e naqueles que encontrarmos no dia-a-dia para, com os homens, na igualdade dos seres humanos, na igualdade das cidadãs e dos cidadãos brasileiros de terem os mesmos direitos e deveres, construirmos o mundo da parceria repleto de espaços como esse proporcionado pela Senadora ao jogar pétalas de rosas, para que possamos sentir, sim, Íris, o perfume do ser humano digno, mas, acima de tudo, do ser humano que luta pela dignidade.

Enquanto não encontrarmos esse espaço igualitário, teremos, sim, de comemorar o dia 8 de março, lembrando as guerreiras e dizendo aos homens que somos tão capazes quanto eles, que somos iguais a eles. Queremos apenas lhes dar as mãos e construir o mundo que todos desejam e um futuro que não seja como o de Prestes, que não pôde assistir vitórias como a que assistimos hoje, para que os que lutam tenham tempo de assistir à vitória de sua luta.

É o que desejamos no dia de hoje.

Agradecemos pela oportunidade. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Obrigada Deputada Jusmari Oliveira.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Concedo a palavra a Sra. Deputada Janete Capi-beribe.

A SRA. JANETE CAPIBERIBE (Bloco/PSB-AP.

Sem revisão da oradora.) – Sra. Presidenta, Senadora Serys Slhessarenko, saúdo as Parlamentares e os Parlamentares presentes, quero falar do meu regozijo por participar desta sessão em homenagem às mulheres que fizeram e continuam a fazer a história e foram homenageadas hoje com os Prêmios Bertha Lutz e Carlota Pereira de Queirós, duas mulheres que têm a continuidade de suas ações políticas em cada uma de nós que estamos no Congresso Nacional.

Não posso deixar de nominar as companheiras que, no dia de hoje, receberam as homenagens desta sessão. Não deixo de fazê-lo porque na história de cada uma das homenageadas presentes ou *in memoriam* está a história política das mulheres do Brasil. Quando se homenageia, *in memoriam*, Leocádia Prestes, viajamos no passado político.

Devo igualmente citar a homenageada Therezinha Zerbini, que mereceu as palavras da Ministra Dilma Rousseff, pois participaram de um período difícil na história deste País, mas ainda estão aí, as duas, resistentes e insistentes.

Minhas homenagens também à Deputada Jandira Feghali, minha grande companheira na Câmara; à Sra. Mayana Zatz, cuja luta para a liberação, pelo STF, da pesquisa com células-tronco embrionárias venho acompanhando; à Rose Marie Muraro, que várias vezes esteve no Amapá para fazer a formação de mulheres; e à Alice Editha Klausz, pelos 53 anos dedicados à aviação. As senhoras estão de parabéns.

Por fim, leio a dedicatória que fiz para a Senadora Serys Slhessarenko em um livro intitulado *“Parindo um mundo novo”*, que fala exatamente da atividade da Maria dos Prazeres, aqui também homenageada.

Quando passei à Maria dos Prazeres um exemplar desse livro, Senadora Serys Slhessarenko, ela me lembrou que esteve no Estado do Amapá no interregno dos 7 anos de implantação do projeto parteiras tradicionais.

Eis a minha dedicatória: “Serys, para sua reflexão no Senado a respeito da premiação com o diploma Bertha Lutz. Da parteira, Maria dos Prazeres de Souza”.

Também Jovelina Costa dos Santos, do interior do meu Estado, foi premiada com o diploma Carlota Pereira de Queirós. O Congresso Nacional já está, por intermédio das Sras. Parlamentares, reconhecendo a necessidade das mulheres que dão à luz nas comuni-

dades isoladas e das que fazem partos, neste momento representadas pela Maria dos Prazeres.

Devo dizer que também está presente mais uma parteira de Brasília, a Marília Largura, de cabelo branco, com 72 anos, que já fez mais de 5 mil partos, sendo o último no Distrito Federal.

Portanto, tenho certeza de que a lei que reconhece tão importante trabalho será aprovada.

Encerro as minhas palavras com uma estrofe do poema *As Mãos*, de Cora Coralina, em homenagem às parteiras tradicionais:

*Minhas mãos doces
Jamais ociosas,
Fecundas. Imensas e ocupadas.
Mãos laboriosas.
Abertas sempre para dar,
ajudar, unir e abençoar.*

Obrigada. (Palmas.)

A SR. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko) –

Concedo a palavra ao Senador Antônio Carlos Valadares.

O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES (Bloco/

PSB-SE. Sem revisão do orador.) – Sra. Presidenta, demais componentes da Mesa, representantes de instituições ligadas à mulher, Deputados e Senadores, o Senador Federal sempre comemora o Dia Internacional da Mulher com a entrega do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz a pessoas escolhidas por sua luta em defesa dos direitos das mulheres. Quero, neste momento, parabenizar as agraciadas e dizer que eu sei que a luta delas é árdua e perigosa, eivada de preconceitos que machucam o corpo e a alma.

Digo isso porque hoje em dia é divulgado que as mulheres são mais independentes. Elas teriam muitos direitos e melhores condições de reivindicar esses direitos. Na verdade, chega-se a transmitir a idéia de que a mulher alcançou a sua plena autonomia.

Entretanto, todos nós sabemos que isso não é verdade. As pesquisas e estudos sobre o tema andam por aí para denunciar que as mulheres ainda são discriminadas e sofrem todo tipo de exploração.

Esse mito de que a mulher alcançou a sua autonomia deve ser dirigido, quando muito, a certos segmentos femininos. E olhem que para isso seria preciso relativizar o que seria essa autonomia. Estar-se-ia falando de autonomia financeira? De autonomia profissional? De autonomia social? Da liberdade de decisão sobre seu corpo? Enfim, de que autonomia fala esse mito?

Ora, muitas mulheres com “autonomia financeira” sofrem preconceito de gênero no ambiente familiar ou social. Elas seriam independentes financeiramente

mas, na maioria das vezes, sofrem com a condição de não conseguir coabitar com o homem que não aceita ter remuneração menor do que a sua mulher. O pior é que a esfera da culpabilidade é sempre atribuída à própria mulher, ou seja, ela é quem estaria errada por ter um bom salário.

As mulheres que conseguiram autonomia profissional sofrem preconceito do senso comum, no sentido de que são ambiciosas e egocêntricas, de que abandonaram o cuidado para com o marido e filhos para se dedicar à carreira. O senso comum discrimina essas mulheres ao acusá-las de ambiciosas, de mulheres que só pensam no trabalho.

Sobre a “liberdade de decisão do corpo”, nem se pode falar em autonomia. O debate sobre aborto e sexualidade é ainda considerado um tabu. E vejamos que estou falando do direito ao debate sobre qualquer assunto que diga respeito à mulher!

A questão é: a quem interessa esse tipo de divulgação? A tão propalada autonomia feminina enfraquece a luta das mulheres?

O pior de um mito é que todo mito tem um fundo de verdade; ou seja, atrás do mito da plena autonomia feminina, não podemos negar certos avanços no campo do direito das mulheres. Mas, convenhamos, estamos longe de poder falar em plena cidadania para as mulheres e para os homens. O que se dirá, então, de autonomia da mulher?

Portanto, Sra. Presidenta, o fundo de verdade desses mitos é que, de fato, as mulheres ocupam alguns espaços de importância política, social e econômica – como amplamente divulgado pelos oradores que me antecederam.

Os exemplos das mulheres no Judiciário, por meio das Ministras Ellen Gracie e Cármen Lúcia, bem como das mulheres que ocupam cargos no Governo Lula – desde logo, peço desculpas se esqueci o nome de alguma –, como as Ministras Marina Silva, Dilma Rousseff, Marta Suplicy e Nilcéia Freire, ou mesmo das mulheres Senadoras (neste pronunciamento cito apenas a Senadora Serys Slhessarenko) ou até das que estão no setor empresarial são exceções que confirmam a regra de que a mulher não ocupa lugar social em patamar igual ao dos homens.

Os mitos sobre a defesa dos direitos das mulheres apontam que as mulheres deveriam ocupar mais espaço na sociedade porque são mais sensíveis, mais delicadas, representariam melhor as condições de grande mãe.

Creio que isso já é uma forma de discriminação que pode inviabilizar ou ao menos embaraçar a conquista dos espaços femininos. A mulher deve conquistar e ocupar seu espaço porque é gênero humano, ou

seja, também vive, constrói e reconstrói a vida social dos seres humanos, na chamada sociedade. Ela deve participar das decisões da sociedade porque é parte integrante da história social da sociedade em que vive.

As características físicas, psicológicas e culturais das mulheres não são critérios determinantes para o acesso ou a negativa de acesso à participação na vida social. Meus senhores e minhas senhoras, toda vez que critérios físicos, psicológicos e culturais foram utilizados para definir a participação na tomada de decisão da sociedade, o preconceito e a discriminação brotaram de modo assustador. Isso é nazismo!

Portanto, não nego que certas características que o mito do senso comum atribui às mulheres estejam erradas ou que não possam influenciar para mais ou para menos a participação feminina na história social. Estou apenas preocupado com o “sexismo encabulado” desses rótulos que engessam o papel social das mulheres.

É importante verificar que as mulheres estão sofrendo um novo tipo de exploração. Li o artigo de Rose Marie Muraro e Maria Tereza Maldonado que falava sobre o *“tratamento da sociedade ao corpo feminino”*, em que elas denunciavam que *“o consumo não é mais sobre a forma física da mulher, que é sempre jovem, magra e bela, mas sobre seus laços mais profundos”*. Elas nos contam sobre *“o pacote de cirurgia pós-parto, composto por lipoaspiração para retirada das gordurinhas extras, correção da vulva e dos seios, tudo para consertar o ‘estrago’ que a gravidez faz no corpo da mulher”*. Elas também descrevem depoimentos de algumas mulheres motivadas a comprar esse “pacote”. Os argumentos giravam em torno de garantir a permanência do desejo do marido, preservar a boa imagem no ambiente de trabalho e destacar a importância do corpo perfeito.

Assim, ao invés de aumentar a auto-estima, esse “modelo perfeito” de mulheres só faz com que esta diminua e seja substituída por um mal-estar subjacente que, desde a adolescência, persegue homens e mulheres a respeito de sua imagem até o fim da vida, porque é impossível para o ser humano médio competir com os padrões de beleza que vê nas revistas, nos filmes e nas novelas de televisão. O fato se agrava cada vez mais à medida que a mulher vai amadurecendo e os traços do amadurecimento vão aparecendo.

Portanto, o mito de que a mulher conquistou sua plena autonomia e o mito de que a mulher, por seus aspectos físicos, psicológicos e culturais, deve ocupar espaço social combinam com essa nova exploração feminina.

E o pior, como nos diz Rose Marie e Maria Tereza: *“Ele destrói também a capacidade de homens e*

mulheres de aprofundarem a sua relação com a realidade. Destruir o corpo real e substituí-lo por um corpo de consumo é também substituir a 'realidade real' por uma 'realidade de consumo', que tende a destruir a própria espécie humana."

Nesta comemoração do Dia Internacional da Mulher, trago este debate para todas as mulheres e homens que lutam pelo fim da exploração e da discriminação, para todos e todas que buscam a igualdade no seio da sociedade: a "realidade real" é que muito já se conquistou, mas ainda falta muito o que se fazer. A luta feminina deve continuar.

Parabenizo as mulheres lutadoras deste nosso Brasil.

Muito obrigado, Sra. Presidenta. *(Palmas.)*

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Obrigada, Sr. Senador Antônio Carlos Valadares.

Eu já havia anunciado que V.Exa. seria o último orador, mas ainda concederemos a palavra ao Senador José Nery, que dirá algumas palavras às homenageadas.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko)

– Concedo a palavra ao Sr. Senador José Nery.

O SR. JOSÉ NERY (PSOL-PA. Sem revisão do orador.) – Sra. Presidenta, Senadora Serys Slhessarenko, Deputada Janete Capiberibe, ilustres homenageadas com o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz, Sras. e Srs. Senadores, ilustres convidadas, a nossa Presidenta já havia anunciado o encerramento da sessão, mas insisti em minha inscrição e S.Exa. me concedeu 2 minutos.

Embora seja difícil pronunciar-me em apenas 2 minutos, gostaria de me somar à homenagem prestada por todos os partidos às mulheres brasileiras neste mês a elas dedicado, em especial por suas lutas.

Na condição de Líder do PSOL, tenho a honra de ser dirigido pela ex-Senadora Heloísa Helena, do Estado de Alagoas. Assim também ocorre no meu Estado, o Pará, Senadora Serys Slhessarenko, pois o PSOL estadual é dirigido pela ex-Deputada Profa. Araceli Lemos.

Quero homenagear todas as mulheres por sua luta, operárias, camponesas, ribeirinhas, índias, moradoras das periferias das nossas cidades, mães que choram a morte dos seus filhos, vítimas da violência urbana ou rural. Quero também homenagear as mulheres que estão construindo, com seu esforço e com sua luta, os movimentos sindicais e populares pelo País afora.

Quanto a esse aspecto, quero registrar a luta das mulheres da Via Campesina, que na semana passada realizaram um ato em defesa da reforma agrária, do direito à terra. Novecentas e cinquenta mulheres foram

expulsas pela Polícia Militar do Rio Grande do Sul da terra que ocuparam em um Município que faz fronteira com o Uruguai. Portanto, quero externar a elas nossa solidariedade.

Quero homenagear as mulheres que ganharam, no Senado da República, especificamente na Comissão de Direitos Humanos, a Subcomissão Permanente em Defesa dos Direitos da Mulher, instalada na última quinta-feira, que tem como Presidenta a Senadora Ideli Salvatti e, na condição de Vice-Presidenta, a Senadora Serys Slhessarenko.

É bom que se diga que a referida Subcomissão foi instaurada no calor daquela denúncia que abalou o Brasil e toda a consciência democrática, quando uma adolescente de 15 anos ficou presa por quase um mês em uma cadeia pública no Estado do Pará. Depois, constatou-se que esse é um fato presente em pelo menos 17 Estados da Federação.

Tal situação gerou um conjunto de iniciativas para pôr fim a esse tipo de violência. A Subcomissão aqui no Senado é um desses instrumentos, um desses mecanismos para aprofundar o debate e a luta das mulheres brasileiras.

Quero me referir diretamente às homenageadas com o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz, concedido nesta sessão solene do Senado Federal: a Deputada Federal Jandira Feghali, Deputada pelo Rio de Janeiro, combatente em lutas sociais por um Brasil mais justo; a escritora Rose Marie Muraro, fundadora do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher; a aeromoça Alice Editha Klausz, voluntária do Programa Antártico Brasileiro, que muito nos honra com sua presença, a Médica Mayana Zatz, Diretora do Centro de Estudos do Genoma Humano, do Instituto de Biociências da USP; e a parteira Maria dos Prazeres, de Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco, que representa a força das mulheres pernambucanas.

Na singeleza desta homenagem, D. Maria, quer dizer-lhe o quanto as mulheres mais simples do nosso povo prestam inestimáveis serviços à causa, com sua dedicação, amor e devotamento ao cuidado com as outras mulheres num momento muito importante de suas vidas, quando dão à luz um novo ser humano, homem ou mulher. E a senhora é testemunha disso, com seu trabalho em mais de 5 mil partos feitos em mulheres do seu Estado. E aqui nos somamos a esta premiação às ilustres homenageadas no dia de hoje.

Por último, Senadora Serys Slhessarenko, quero dizer que o Senado Federal, quando realiza esta sessão, tenta assinalar que, a par das comemorações do Dia da Mulher, neste mês dedicado às mulheres, jamais podemos esquecer que esta data foi criada em 1910 justamente para lembrar a luta e a determinação das

mulheres por seus direitos, por causas humanitárias. Essa a razão pela qual nos associamos à homenagem que o Senado presta a cada uma das mulheres brasileiras, desejando-lhes muito êxito em suas missões e ocupações, para que se afirmem cada vez mais, no dia-a-dia da luta, os direitos e a cidadania da mulher brasileira. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Senadora Serys Slhessarenko) – Obrigada, Senador José Nery.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko) – Mais uma vez externo as homenagens do Congresso Nacional, da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, às queridas agraciadas.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko. PT – MT) – Os Srs. Senadores Garibaldi Alves Filho, Maria do Carmo Alves, Flexa Ribeiro, Inácio Arruda, Patrícia Saboya, Antonio Carlos Valadares, José Nery e Roseana Sarney enviaram discursos à Mesa para serem publicadas na forma do disposto no art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal, primeiro subsidiário do Regimento Comum.

S. Ex^{as}. serão atendidos.

SESSÃO SOLENE DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Pronunciamento do Senador **Garibaldi Alves Filho**
Presidente do Senado Federal – 11-3-2008

Senhoras e Senhores;

Todos os anos nos reunimos, nesta Casa, para celebrar o Dia Internacional da Mulher.

E todos os anos, nessa ocasião, acabamos por fazer, inevitavelmente, uma espécie de balanço.

De um lado, as conquistas: os avanços obtidos nesse legítimo e fundado movimento pela igualdade de gêneros. De outro lado, as frustrações: o mapeamento das áreas em que ainda não evoluímos, ou evoluímos pouco.

Esse olhar lançado sobre o passado, essa reflexão sobre as perdas e os ganhos acumulados, permite que possamos identificar os desafios a serem vencidos, os rumos a serem tomados; permite, enfim, que possamos estabelecer os objetivos e as metas para o futuro.

É evidente, Senhoras e Senhores, que já avançamos muito desde aquele 8 de março de 1857 em que as operárias da indústria têxtil, em Nova York, decidiram protestar contra o salário aviltante, a carga horária excessiva, as condições insalubres de trabalho.

Já avançamos muito desde 1922, ano em que Bertha Lutz criou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino e, com isso, lançou as bases do movimento feminista em nosso País.

Suas reivindicações básicas, diga-se bem da verdade, não eram nada exorbitantes: mudanças na legislação trabalhista, que assegurassem igualdade de tratamento a homens e mulheres no mercado de trabalho, e a garantia constitucional de que o direito ao voto não fosse prerrogativa exclusivamente masculina.

Desde então, repito, os avanços têm sido consideráveis.

Mas também é inegável, Senhoras e Senhores, que ainda temos um longo caminho a percorrer.

Ainda temos muito o que avançar até que o sonho de Bertha Lutz esteja plenamente realizado.

Desde 2002, o Senado Federal tem concedido o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz a brasileiras que contribuem decisivamente para a concretização desse sonho; mulheres que, em meio a milhões de compatriotas, se destacam na defesa do gênero feminino.

E é com muita honra, com muita alegria, que cumprimento as escolhidas deste ano.

Cumprimento Alice Editha Klausz, que trabalhou na Varig durante 35 anos e, posteriormente, colocou seu dinamismo e sua experiência a serviço do Programa Antártico Brasileiro.

A seu respeito, basta dizer que há pouco mais de quatro anos, numa audiência pública realizada na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, foi aplaudida de pé por todos os funcionários da Varig ali presentes.

Tia Alice: o respeito e a admiração dos pares, o respeito e a admiração dos colegas, é um dos maiores indicadores do caráter de uma pessoa.

Cumprimento Jandira Feghali, música, médica, sindicalista, Deputada Estadual, Deputada Federal, Secretária de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia do Município de Niterói, defensora incansável dos direitos das mulheres.

Deputada Jandira, sabemos todos, é um dos mais evidentes exemplos de que a política pode – e deve – ser feita com dignidade, perseverança, probidade e obediência a princípios.

Cumprimento Maria dos Prazeres de Souza, presidente da Associação das Parteiras de Jabotão dos Guararapes, cuja indicação, tenho certeza, é uma merecida homenagem às 60 mil mulheres que exercem esse nobre ofício em nosso País.

Ao longo de quase cinquenta anos, trouxe ao mundo mais de cinco mil seres humanos, sem nenhum óbito.

Quem dera, Dona Maria dos Prazeres, pudéssemos todos exibir o mesmo nível de eficiência e profissionalismo...

Cumprimento Mayana Zatz, Pró-reitora de Pesquisas da Universidade de São Paulo, pesquisadora

renomada em genética humana e a profissional brasileira que, com sua atuação, quase que personifica o trabalho brasileiro em prol das pesquisas com célula tronco.

Num País que precisa incrementar, cada vez mais, sua produção científica e tecnológica, conforta saber que somente a Doutora Mayana Zatz já publicou quase 300 trabalhos científicos, todos do mais elevado gabarito. Cumprimento, ainda, Rose Marie Muraro, escritora, editora, conferencista, reverenciada tantas vezes, por tantas instituições, como Mulher Intelectual do Ano, uma das mulheres do Século XX.

Se a história das grandes conquistas não dispensa ícones, seguramente, a saga da emancipação da mulher, em nosso País, tem em Rose Marie Muraro um ícone incontestável, da mesma forma como Betty Friedan, por exemplo, se tornou figura emblemática do feminismo mundial.

Enfim, Senhoras e Senhores, penso não haver dúvidas de que a escolha desses cinco nomes foi bastante acertada.

E exatamente por isso, por terem escolhido nomes imunes a quaisquer questionamentos, gostaria de cumprimentar, também, as Senhoras Senadoras e os Senhores Senadores que integram o Conselho do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz.

Cumprimento-os na figura da Presidente do Conselho, Senadora Serys Slhessarenko, que exerce o cargo com invulgar dedicação.

Quero ainda cumprimentar, de uma maneira muito especial, as Senhoras Senadoras e as Senhoras Deputadas que compõem a bancada feminina do Congresso Nacional, pelo tanto de competência, talento, beleza e dignidade que emprestam à atividade política.

Ao cumprimentá-las, é certo que estou cumprimentando, também, as mulheres de nosso País, pela galhardia com que têm conquistado o lugar que lhes cabe na sociedade.

A todas elas, o meu carinho, o meu respeito, as minhas homenagens.

Muito obrigado!

DA SENADORA MARIA DO CARMO ALVES
(DEM-SE)

Senhor Presidente,
Senhores e Senhores Senadores,

Como todos sabem, no dia 8 de março celebra-se o Dia Internacional da Mulher. Antes de ser motivo de comemoração, a data deve nos levar a uma detida reflexão sobre como anda a questão de gênero em nosso País.

Os avanços continuam, inegavelmente. Nosso espaço político continua crescendo, mesmo que em

um ritmo ainda lento. O número de lideranças femininas vem aumentando nos mais diversos segmentos e regiões, e percebe-se que as jovens, atualmente, sentem mais estimuladas a exercer suas vocações e ecoar suas idéias e pensamentos.

Mas ainda somos pouco representadas. No Governo Federal, temos somente quatro ministras. Trata-se de um número bastante modesto, aquém da representatividade que merecemos e almejamos. Na Espanha, por exemplo, o gabinete de governo do Primeiro-Ministro Zapatero é formado em sua metade por mulheres,

colocando a nação ibérica na vanguarda mundial na igualdade entre os gêneros.

Diversas e importantes nações já têm em seu comando uma mulher. O Chile de Bachelet, a Alemanha de Ângela Merkel e a Argentina de Cristina Kirchner são exemplos de países que consagraram a escalada feminina na atividade política. Isso sem falar em Hillary Clinton, pré-candidata à presidência dos Estados Unidos e reconhecida como uma das mais preparadas e respeitadas lideranças da atualidade.

Dessa forma, Senhor Presidente, minhas caras e meus caros Colegas, precisamos encorajar a mulher brasileira para que venha participar da vida pública de nosso País! Precisamos deixar absolutamente claro que a participação feminina ativa e consistente na condução dos interesses nacionais é condição essencial para a afirmação de uma sociedade verdadeiramente justa e harmônica em suas distinções.

A verdade é que os direitos que remetem à isonomia de gêneros já são uma conquista absolutamente consagrada no mundo moderno, ao menos no plano formal. A luta agora é aplicá-la, de fato, na realidade material de nossa sociedade.

Não podemos mais aceitar, Senhoras e Senhores Senadores, que mulheres ganhem menos que homens para exercer as mesmas funções. Que tenham menos oportunidade de ocupar cargos

de chefia. Que sejam discriminadas para o exercício de determinadas atividades. Ou que a maternidade se transforme em óbice à sua ascensão profissional.

Da mesma forma, não se pode mais transigir com qualquer tipo de violência doméstica contra a mulher. A Lei Maria da Penha foi um avanço, mas o medo e o sigilo sofrido das vítimas ainda cobrem com um manto escuro a dura realidade de diversos lares brasileiros.

O episódio da adolescente paraense colocada, de maneira covarde, em uma cela repleta de homens é a prova de que ainda estamos longe de uma situação desejável. “Lançada aos leões” impunemente e violentada à vista de todos, a jovem do Pará transfor-

mou-se no símbolo maior do martírio enfrentado por muitas brasileiras.

Basta! Uma sociedade que se diz civilizada não pode conviver placidamente com casos dessa natureza. Exigimos punição exemplar aos responsáveis por essa barbaridade, e que tal medida sirva de exemplo para futuros e covardes agressores.

Senhor Presidente,

Senhoras e Senhores Senadores,

Nesse dia 8 de março, conclamo todo o País para uma reflexão sobre os problemas ligados à questão de gênero e à representatividade feminina em nossa sociedade.

Tenho convicção de que estamos absolutamente maduros para formular políticas públicas e instrumentos legais que ampliem ainda mais o espaço da mulher e a protejam, de forma eficaz, contra agressões e discriminações.

Acabou-se o tempo do sexo frágil. E não fugiremos à luta!

Era o que tinha a dizer, Senhor Presidente.

Muito obrigada.

DO SENADOR FLEXA RIBEIRO (PSDB – PA)

Senhor Presidente, Senhoras Senadoras, Senhores Senadores,

O Dia Internacional da Mulher, celebrado a cada ano, aqui no Senado, com a outorga do Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz a cinco agraciadas, já se incorporou na história desta Casa e no calendário de eventos que marcam essa data no Brasil. As mulheres têm, de fato, uma história de exclusão e de opressão na maioria das culturas. No caso do Ocidente, esse passado nos é bem conhecido, mas certas civilizações do Leste não têm sido menos cruéis. A diferença talvez esteja no fato, inegável, de que nossa cultura vem dando uns tantos passos – tímidos, de início, e pouco a pouco mais firmes – no sentido de reduzir as diferenças entre homens e mulheres.

Como este é um momento de festa, e a comenda que entregamos homenageia uma lutadora pelo sufrágio feminino, penso ser conveniente, em lugar de me estender na história triste e negativa da discriminação, dizer algumas palavras positivas sobre o caminho já percorrido, as conquistas já obtidas e os desafios à frente. Conquistas –ressalte-se bem – de que as mulheres foram os sujeitos, não as receptoras passivas da benevolência do Estado ou dos homens que sempre o regeram. Desafios, também, que serão superados a seu tempo.

Destacarei, para ser sucinto e focalizado, dois campos nos quais esses avanços se fazem sentir mais notavelmente: a conquista, pelas mulheres, da maioria

no eleitorado no País e o aumento inelutável da parcela que elas representam no mercado de trabalho. Trata-se, a meu ver, de dois aspectos fundamentais da cidadania: a participação na economia e na política. Dois esteios da autonomia individual.

Segundo o IBGE, a força de trabalho feminina passou, entre 1940 e 1990, de 2,8 milhões para 22,8 milhões de mulheres. Sua fração na população ativa do País, de 19% para 35,5%. Em 1940, quase a metade (48%) das mulheres ativas estava concentrada no setor primário da economia, ao passo que, em 1990, praticamente três quartos (74%) delas encontravam-se no setor terciário, sobretudo em atividades como serviços comunitários, de educação, de saúde e domésticos.

Dados mais recentes apontam para o contínuo crescimento da importância da mulher no mercado de trabalho brasileiro. De acordo com um relatório divulgado em maio do ano passado, pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), desde 1995 a participação das mulheres no mercado de trabalho aumentou num ritmo de 2,1% ao ano, crescendo mais do que a dos homens e fazendo com que, em 2005, elas já representassem 42,2% das pessoas que tinham alguma ocupação no Brasil.

Apesar de expressivo, esse dado não mostra uma discriminação que ainda ocorre: o fato de muitas mulheres terem salário inferior ao de colegas homens exercendo função igual nas organizações, e a dificuldade de promoção a postos de chefia. Essas são práticas lamentáveis, resultantes dos preconceitos ainda vigentes no mercado de trabalho.

Já no campo da participação no eleitorado, os dados do Superior Tribunal Eleitoral mostram que, a partir do ano 2000, as mulheres passaram a ser maioria entre os portadores de título de eleitor. Passaram de 49,01% do eleitorado, em 1988 – ano da promulgação de nossa Carta – para 51,57% em 2006, ano do último pleito federal.

Significativo é ainda o fato de que, entre os eleitores, o perfil educacional das mulheres se mostra superior ao dos homens. Eles somente são maioria entre os que lêem e escrevem e entre os que têm o ensino fundamental incompleto. Nas outras faixas de escolaridade, as mulheres os suplantam, chegando a constituir 54,93% de todos os eleitores com curso superior completo.

Havendo conquistado seu espaço no eleitorado, resta à frente das mulheres o desafio de se fazerem mais presentes entre candidatos e entre os eleitos. Além das concepções, ainda existentes em um eleitorado em que elas já constituem maioria, há que vencer, talvez, uma timidez ou um desânimo quanto

à participação ativa na política. Desânimo que se explica, por certo, por uma atitude de sincero desprezo diante da má imagem que tem a política perante a população, pelas muitas denúncias e escândalos que têm surgido.

Mas estou seguro de que a única forma de mudar os costumes da política e as distorções que ela ainda apresenta é promover a participação de um contingente maior de pessoas nos partidos. Especialmente das mulheres, que têm em sua autenticidade e seu voluntarismo fatores preciosos para a atuação em prol do bem comum.

Que não nos falte coragem para derrubar os muros da intransigência. Que não nos falte ousadia para enfrentar preconceitos. Que não nos falte força de vontade para lutar pela felicidade, que só se realiza socialmente. Que só se concretiza na liberdade.

Finalmente, que as mulheres agraciadas este ano com o Diploma de Mulher-Cidadã Bertha Lutz sirvam de exemplo e estímulo para as mulheres brasileiras.

**Pronunciamento do Senhor Senador
Inácio Arruda, realizado no dia 11 de março
de 2008 em comemoração ao Dia Interna-
cional da mulher.**

Senhor Presidente, Senhoras Senadoras, Senhores Senadores,

O sentido que consagrou o 8 de Março como Dia Internacional da Mulher é o de um referencial histórico dos movimentos que denunciaram a opressão da mulher na sociedade patriarcal e, ao mesmo tempo, enfatizaram a importância de sua participação nos processos de transformação da sociedade.

O Dia Internacional da Mulher, assim instituído, assume fundamental importância ao colocar a emancipação feminina como uma das condições para a emancipação da humanidade, inserindo a mulher como agente das transformações sociais, políticas e econômicas necessárias à construção de um novo padrão civilizatório.

Não restam dúvidas: este dia é realmente muito especial para todos nós; é o símbolo de uma nova compreensão, de um novo olhar sobre a questão da mulher no mundo contemporâneo.

Decorridos 33 anos desde que a ONU instituiu o dia 8 de março como Dia Internacional da Mulher, em 1975, observamos que ainda temos muito a percorrer e compreender sobre o papel real da participação da mulher, em suas diversas faces, no desenvolvimento e formação do nosso país.

Certamente que o ano de 1975 é emblemático para a história de lutas da mulher, especialmente a brasileira, que teve uma participação decisiva nos

movimentos em nome da liberdade e da dignidade, enfrentando a ditadura e defendendo a democracia. Mas a contribuição feminina possui muito mais desdobramentos do que conhecemos.

Que dizemos da participação da mulher no processo de formação histórica e social do nosso povo, no tempo breve do Império, na efervescência da vida Republicana? Sua participação na economia da época e sua compreensão da realidade histórica e política ainda não foram suficientemente compreendidas.

Se recuarmos no tempo, desde a sociedade colonial até os dias de hoje, vamos perceber que a luta das mulheres para conquistar na sociedade e na história o espaço que lhe é realmente devido acumulou muitas e expressivas vitórias ao longo desses séculos. Porém, devemos lembrar que tais conquistas trazem também a marca da opressão, do preconceito e da intolerância, fundamentada nos valores e práticas da sociedade patriarcal que, historicamente, tem se caracterizado por minimizar ou eliminar por completo o papel desempenhado pelas mulheres na formação e no desenvolvimento do nosso país, especialmente na edificação das causas transformadoras de nossa sociedade.

Sem a participação direta das mulheres nas instâncias de decisão, não haverá avanço significativo. A busca por espaços de poder e por políticas que promovam sua autonomia econômica e financeira são caminhos efetivos para sua emancipação. As mulheres, em todos os momentos significativos da história política e social, contribuíram para a conquista de um País desenvolvido, soberano, justo e fraterno. Ceraram fileiras em defesa de um projeto nacional que assegurasse e promovesse não só a prosperidade econômica, mas o avanço da igualdade social e das liberdades políticas.

No Brasil, nas últimas duas décadas, ampliou-se a incorporação da mulher nos diversos espaços da sociedade. Foi marcante o avanço da luta feminista a partir de 1975, com destaque para as conquistas obtidas no processo constituinte de 88. Hoje, no governo Lula, construíram-se, com ampla participação democrática, políticas de Estado avançadas. Apesar disso, o contingente feminino continua sendo a parte da população mais vulnerável ao desemprego, aos baixos salários, à precarização do trabalho e à violência nas relações domésticas, sobretudo quando se trata da mulher trabalhadora e negra, que sofre o que chamamos de tripla discriminação: de gênero, de raça e de classe.

Sr. Presidente, a marca do nosso tempo é de grandes transformações no rumo de uma sociedade mais justa, livre e igualitária. E esse processo de ruptura impõe a participação sempre crescente das mulheres.

Para nós do PCdoB, essa perspectiva de emancipação da mulher é tarefa indispensável para abrir caminho ao socialismo e para construir um novo projeto para a nação brasileira.

Sr. Presidente, Sras e Srs. Senadores, homenagem e ressaltos a bravura, a sabedoria e a sensibilidade das camponesas, operárias, quilombolas, pescadoras, índias, mulheres do campo e da cidade.

Viva o Dia Internacional da mulher!

Parabéns a todas as mulheres!

Era o que tinha a dizer.

Da Senadora Patrícia Saboya

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Senadores,

Estamos aqui, reunidos, mais uma vez, para homenagear mulheres brasileiras que vêm se destacando nas suas áreas de atuação. E eu gostaria de falar, brevemente, sobre a importância da luta dessas e de tantas outras mulheres do nosso País.

Em primeiro lugar, parabéns, Jandira. Parabéns, Rose. Parabéns, Alice. Parabéns, Maria. Parabéns, Mayana. Todas vocês, em diferentes áreas, são um exemplo inequívoco de como nós, mulheres, temos dado uma contribuição inestimável ao desenvolvimento social, econômico, político, científico e cultural do Brasil. Vocês merecem, portanto, o nosso aplauso, o nosso orgulho, a nossa alegria e a nossa torcida para que continuem caminhando por essa trilha vitoriosa. Quero aqui homenageá-las e estender meus cumprimentos a todas as mulheres brasileiras — anônimas ou famosas, que, cotidianamente, lutam por uma Nação melhor e mais justa e estão em todos os segmentos sociais: na indústria, no comércio, na agricultura, nas universidades, nos centros de pesquisa, na mídia, no teatro, no cinema, nos postos de comando das empresas, na vida pública.

Ser mulher nunca foi fácil. E nos tempos atuais também não é. É claro que temos motivos para comemorar. Nossas conquistas até aqui foram robustas. Mas são gigantescos os desafios que temos pela frente. Estamos cada vez mais qualificadas. Começamos a ingressar em profissões de prestígio e a ocupar postos de comando, mesmo que em ritmo lento. No entanto, ganhamos salários menores do que os homens, mesmo ocupando posições semelhantes. Somos maioria no mercado informal, nas ocupações precárias e sem remuneração; e o desemprego afeta mais o segmento feminino. Além disso, ainda recai sobre nós a maior parte das atribuições domésticas.

Hoje, uma das nossas grandes missões é colocar em prática ações que promovam a conciliação entre família e trabalho. Como senadora, mulher e mãe, tenho acompanhado de perto esse debate e procurado

propor projetos sintonizados com os novos tempos. Uma de minhas principais propostas é a da ampliação da licença-maternidade para seis meses. Esse projeto, que visa estreitar os laços afetivos entre mãe e filho, tem por objetivo também propiciar às mulheres uma vivência plena da maternidade. Por considerar que a presença do pai é de extrema relevância, apresentei ainda proposta para aumentar a licença-paternidade e estou na luta pela ampliação da oferta de creches de qualidade em todo o País.

Concluo estas breves palavras comentando, com vocês, um artigo interessante da escritora Marta Medeiros, publicado na última edição da **Revista de Domingo** do jornal **O Globo**. Ela aborda um dilema importante para todas nós, mulheres modernas: a busca incessante pela perfeição. Queremos ser profissionais de sucesso, boas mães, excelentes donas-de-casa, esposas impecáveis, amantes maravilhosas, além, é claro, de lindas e jovens, sempre! A sociedade nos cobra, sim, mas somos nós que carregamos demais nessa cobrança insana. Marta Medeiros toca, com precisão, neste ponto. Ela escreve: “Mulheres tripulam foguetes, presidem países e são autoras de descobertas científicas. Mas você, que não é astronauta nem presidente nem candidata a Einstein, anda se cobrando insana por quê?”. Continua o texto: “A independência feminina era pra ser divertida, onde é que deu errado? Sua agenda está mais cheia do que a de Condoleezza Rice. Você não consegue se conceder meia hora para fazer as unhas. Está tão estressada que quase cai aos prantos quando seu patrão dá uma bronca. E você não dorme, criatura! Você acredita mesmo que cinco horas por noite são suficientes? Você passa seu creme anti-rugas antes de se deitar e, quando acorda, elas estão todas lá, triplicadas pelo cansaço. E nem adianta tentar encontrar uma horinha para aplicar botox, porque sua dermatologista está sem hora livre até agosto — ela é mulher como você, portanto, viciada em agenda cheia. Estamos todas perdendo feio para este que deveria ser nosso aliado, mas virou um inimigo: o tempo”.

Queridas amigas, mulheres fantásticas, doces, hábeis, sinceras e lutadoras, vamos, sim, seguir em frente em busca dos nossos sonhos. Mas, como diz Marta Medeiros, sem tantas cobranças, sem tanta loucura, sem tanta ansiedade para correr atrás do que queremos, pois, se continuarmos nesse ritmo, só vamos colher estresse, doenças, frustrações e infelicidades. Portanto, acredito sinceramente que a palavra-chave hoje é EQUILÍBRIO. Não precisamos ser “super-mulheres”. Podemos apenas ser: MULHERES! E isso, sem dúvida, já é um imenso desafio. Parabéns!

Brasília, 11 de março de 2008. — Senadora **Patrícia Saboya**.

**PRONUNCIAMENTO DO SENADOR
ANTONIO CARLOS VALADARES**

(Dia Internacional da Mulher – 2008)

Senhor Presidente desta Casa,
Senhor Presidente da Câmara dos Deputados,
Senhor Vice-Presidente do Brasil,
Senhoras e Senhores Senadores e Deputados,
Senhoras Ministras de Estado, Demais autoridades aqui presente, Minhas senhoras e meus senhores,

O Senado Federal comemora o dia internacional da mulher com a entrega do prêmio “Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz” sempre as mulheres escolhidas por sua luta em defesa dos direitos das mulheres. Quero nesse momento parabenizar as agraciadas e dizer que eu sei que a luta delas é árdua e perigosa, eivada da preconceitos que machucam o corpo e a alma.

Digo isso porque hoje em dia é divulgado que as mulheres são mais independentes. Elas teriam muitos direitos e melhores condições de reivindicar esses direitos. Na verdade, chega-se a transmitir a idéia de que a mulher alcançou a sua plena autonomia.

Entretanto, todos nós sabemos que isso não é verdade. As pesquisas e estudos sobre o tema andam por aí para denunciar que as mulheres ainda são discriminadas e sofrem todo tipo de exploração.

Esse mito de que a mulher alcançou a sua autonomia deve ser dirigida, quando muito, a certos segmentos femininos. E olhem minhas senhoras e meus senhores que para isso, seria preciso relativizar o que seria essa autonomia. Estar-se-ia falando de autonomia financeira? De autonomia profissional? De autonomia social da liberdade de decisão sobre o seu corpo? De que autonomia fala esse mito?

Ora, muitas mulheres com “autonomia financeira” sofrem preconceito de gênero no ambiente familiar ou social. Elas seriam independentes financeiramente, mas na maioria das vezes essas mulheres sofrem a condição de não conseguir coabitar com um homem que não aceita ter remuneração menor do que a da sua mulher. O pior é que a “culpa” disso – sempre a esfera da culpabilidade para tratar da mulher – é atribuída a própria mulher. Ela que estaria errada por ter um bom salário!

As mulheres que conseguiram “autonomia profissional” sofrem o preconceito do senso-comum de que elas são ambiciosas e egocêntricas; de que elas abandonaram o cuidado do marido e dos filhos para se dedicar à carreira. O senso-comum discrimina essas mulheres, ao acusá-las de ambiciosas, de mulheres que só pensam no trabalho.

Sobre a “liberdade de decisão do corpo”, nem se pode falar em autonomia. O debate sobre aborto e sexualidade é ainda considerado um tabu. E veja que estou falando do direito ao debate sobre qualquer assunto que diga respeito à mulher!

A questão é: a quem interessa esse tipo de divulgação? A tão propalada autonomia feminina enfraquece a luta das mulheres?

Minhas senhoras e meus senhores: o pior de um mito é que todo mito tem um fundo de verdade. Ou seja, atrás do mito da plena autonomia feminina, não podemos negar certos avanços no campo dos direitos das mulheres. Mas, convenhamos, estamos longe de poder falar em plena cidadania para as mulheres e para os homens, o que se dirá (então) de autonomia da mulher!

Portanto, o fundo de verdade desses mitos é que, de fato, as mulheres ocupam alguns espaços de importância política, social e econômica. Os exemplos das mulheres no Judiciário, por meio da Ministra Ellen Grace e Cármen Lúcia, bem como, das mulheres que ocupam cargos no governo Lula – e desde logo peço desculpa se esqueci do nome de alguma – como as Ministras Marina, Dilma, Marta, Nilcéia, ou mesmo as mulheres senadoras, que nesse meu pronunciamento cito apenas a senadora Serys Slhessarenko; ou até no setor empresarial, são exceções que confirmam a regra de que a mulher não ocupa lugar social em patamar igual aos dos homens.

Os mitos sobre a defesa dos direitos das mulheres apontam que as mulheres deveriam ocupar mais espaço na sociedade porque são mais sensíveis, mais delicadas, representariam melhor as condições de grande mãe.

Creio que isso já é uma forma de discriminação que pode inviabilizar – ou ao menos embaraçar – a conquista dos espaços femininos. A mulher deve conquistar e ocupar seu espaço porque é gênero humano, ou seja, também vive, constrói e reconstrói a vida social dos seres humanos, chamada de sociedade. Ela deve participar das decisões da sociedade porque é parte integrante da história social da sociedade em que ela vive.

As características físicas, psicológicas e culturais das mulheres não são critérios determinante para o acesso ou a negativa de acesso à participação na vida social. Meus senhores e minhas senhoras, toda vez que critérios físicos, psicológicos e culturais foram utilizados para definir a participação na tomada de decisão da sociedade, o preconceito e a discriminação brotaram de modo assustador. Isso é nazismo!

Portanto, não nego que certas características que o mito do senso-comum atribui às mulheres estejam

erradas ou que não possam influenciar (para mais ou para menos) a participação feminina na história social. Estou apenas preocupado com o “sexismo encabulado” desses rótulos que engessam o papel social das mulheres.

Ora, é importante verificar que as mulheres estão sofrendo um novo tipo de exploração. Li o artigo de Rose Marie Muraro e Maria Tereza Maldonado que falava sobre o “tratamento da sociedade ao corpo feminino”, onde elas denunciavam que “o consumo não é mais sobre a forma física da mulher, que é sempre jovem, magra e bela, mas sobre seus laços mais profundos”. Elas nos contam sobre “o pacote de cirurgia pós-parto, composto por lipoaspiração para retirada das gordurinhas extras, correção da vulva e dos seios, tudo para consertar o ‘estrago’ que a gravidez faz no corpo da mulher”. Elas também descrevem depoimento de algumas mulheres motivadas a comprar esse “pacote”: os argumentos giravam em torno de garantir a permanência do desejo do marido, preservar a boa imagem no ambiente de trabalho, destacar a importância do corpo perfeito.

Assim, ao invés de aumentar a auto-estima, esse “modelo perfeito” de mulheres só faz com que esta diminua e seja substituída por um mal-estar subjacente que, desde a adolescência, persegue homens e mulheres a respeito de sua imagem até o fim da vida. Porque é impossível para o ser humano médio competir com os padrões de beleza que vê nas revistas, nos filmes e nas novelas de televisão. O fato se agrava cada vez mais à medida que a mulher vai amadurecendo e os traços do amadurecimento vão aparecendo.

Portanto, o mito de que a mulher conquistou sua plena autonomia e o mito de que a mulher, por seus aspectos físicos, psicológicos e culturais, deve ocupar espaço social combinam com essa nova exploração feminina.

E o pior, como nos diz Rose Marie e Maria Tereza, “ele destrói também a capacidade de homens e mulheres de aprofundarem a sua relação com a realidade. Destruir o corpo real e substituí-lo por um corpo de consumo é também substituir a ‘realidade real’ por uma ‘realidade de consumo’, que tende a destruir a própria espécie humana”.

Nessa comemoração ao dia internacional da mulher. Trago esse debate para todas as mulheres e homens que lutam pelo fim da exploração e da discriminação. Para todos e todas que buscam a igualdade no seio da sociedade: a “realidade real” é que muito já se conquistou, mas ainda falta muito o que se fazer. A luta feminina deve continuar. Parabenizo as mulheres lutadoras desse nosso Brasil.

Meu muito obrigado. – Senador **Antônio Carlos Valadares**, PSB/SE.

PRONUNCIAMENTO DO SENADOR JOSÉ NERY

(Dia Internacional Da Mulher)

Senhor Presidente,
Senhores Senadores,
Senhoras Senadoras,

Neste mês dedicado às mulheres, estamos todos, indistintamente, instigados a comemorar esta data criada em 1910, na Dinamarca, quando da segunda Conferência Internacional da Mulher Trabalhadora e mais tarde, em 1975, instituída pela ONU, para enaltecer a condição feminina. Mas que condição feminina é esta que merece ser enaltificada em data que se renova anualmente em oito de março, ou melhor, que justifica a criação de uma data tão especial para regozijo dos povos de todo mundo? Uma condição mais comumente valorizada pelo atributo da maternidade – pela capacidade que apenas as mulheres têm de gerar em seus próprios ventres e dar à luz, os filhos e filhas que perpetuam a espécie humana – além de muitos outros atributos distinguem as mulheres dos homens, para a felicidade de ambos os gêneros, para a felicidade humana.

Mas é absolutamente necessário, para fazer jus às mulheres, imprimir mais profundamente nas comemorações desta data o seu significado original: o de dia de luta pela igualdade de direitos; significado que reconhece na condição feminina potencialidades e qualidades historicamente sufocadas ou obscurecidas para que parecessem exclusivas dos homens, aumentando o mito da superioridade masculina, física e intelectual. Sim, porque a data se reporta ao assassinato, ocorrido em Nova Iorque, em 1857, de 129 operárias de uma fábrica de tecidos foram assassinadas quando lutavam pela redução da jornada de trabalho de 16 horas e pela equiparação salarial com os homens posto que recebessem, em média, cerca de um terço do salário pago aos homens e este tipo de discriminação ainda se renova no presente, uma vez que embora sejam inegáveis os avanços rumo à emancipação feminina, ainda prevalecem em praticamente todas as sociedades relações de gênero que secundarizam o papel da mulher.

No Brasil em particular, embora tenha aumentado a participação das mulheres na comunidade educacional, no mercado de trabalho e em todas as atividades importantes para a produção da renda e da riqueza, esta participação é visivelmente minoritária. Embora tenha crescido vertiginosamente a participação das mulheres na produção da renda familiar e sua responsabilidade pela criação e futuro dos filhos, muitas se encontram oprimidas por maridos ou companheiros, sujeitas às pressões psicológicas e sociais derivadas de uma formação cultural que atribui aos homens a posição de domínio e às mulheres a posição de domi-

nadas. Embora tenham participação ativa no exercício do voto, muito poucas mulheres atuam nas esferas de decisão política, algo demonstrado pela composição deste Senado, do Congresso Nacional e de todos os órgãos de poder.

As mulheres ainda são atingidas pelos mesmos tipos de discriminação, preconceito e violência criados desde tempos distantes, imemoriais; em praticamente todas as áreas estratégicas da atividade econômica e social, as mulheres continuam a ter papel secundário. Continua sendo uma prática comum – corriqueira até – a violência de gênero, praticada no interior dos lares, no âmbito das relações amorosas – de cada cinco mulheres, uma é ou foi vítima de ato violento de marido ou parceiro. Além das violações explícitas de seus direitos humanos, há uma gama bastante diversificada de atitudes e práticas de fundo machista concorrendo para fragilizar a auto-estima e a autoconfiança das mulheres; a violência psicológica, menos perceptível, comprovável, mas tão ou mais cruel que a violência física. Por isso, continua a ser um desafio histórico a consecução de relações de gênero baseadas na plena igualdade de direitos entre homens e mulheres; um desafio colocado para todos nós.

Senhor Presidente, Senhoras Senadoras, Senhores Senadores,

O machismo é um fenômeno que não distingue raça, etnia, credo e classe social, mas que se manifesta com especial violência em reação aos atos

Protagonizados por mulheres no interesse de ambos os gêneros, no interesse das maiorias sociais; a violência institucional, inclusive. Em tais circunstâncias, cai a máscara falso-respeitosa à condição feminina com que os detentores do poder costumam encobrir-se: foi assim naquele triste episódio que inspirou a criação do Dia Internacional da Mulher, naquele já distante ano de 1857, nos Estados Unidos da América: o assassinato de mulheres operárias em Nova Iorque; foi assim também, na semana passada, no dia 4 de março, a apenas quatro dias da comemoração do Dia Internacional da Mulher, no município de Rosário do Sul, a 390 km de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, neste País chamado Brasil.

Refiro-me à operação da Polícia Militar desse Estado para desocupar 900 mulheres e 250 crianças mobilizadas pela Via Campesina para ocupar a Fazenda Tarumã, de 2.075 km, pertencente a empresa finlandesa Stora Enso, para protestar contra a apropriação indébita e ilegal da área para fins de cultivo de eucalipto e reivindicar sua destinação para a reforma agrária. A fazenda fica a 80 km da fronteira com o Uruguai, condição que impede sua venda para estrangeiros sem prévia licença do Conselho de Defesa Nacional - a legislação

federal estabelece esta exigência, entre outras, para áreas situadas na faixa de 150 km de fronteira; para burlar a lei a multinacional criou uma empresa brasileira de fachada, a Azenglever, para adquirir a fazenda e regularizar a terra fronteiriça, num artifício que está sendo investigado pelo Ministério Público Federal. Esse fato foi, inclusive, denunciado pela camponesa gaúcha Maraisa Porto em audiência pública realizada na recém-instalada Subcomissão Permanente dos Direitos das Mulheres que funciona no âmbito da Comissão de Direitos Humanos dessa Casa. Nessa reunião, foram sugeridas várias medidas em relação ao caso, entre as quais, a realização de audiências públicas no Rio Grande do Sul para o esclarecimento das denúncias. É imprescindível que essas medidas sejam efetivamente levadas a cabo, a fim de que não se configure em mais um caso de impunidade e de descaso em relação às mulheres trabalhadoras.

Apesar de tamanha afronta à legislação e a soberania nacional, a Polícia Militar do Rio Grande do Sul foi acionada pela governadora do Estado para fazer a desocupação e garantir a injustificável reintegração de posse da área em favor da multinacional. E essa polícia agiu de forma vergonhosa como costumam agir as polícias militares de diferentes Estados quando estão em confronto interesses do agronegócio e de pobres trabalhadores rurais em busca de um pedaço de terra onde possam plantar e sobreviver. As mulheres foram retiradas com violência extremada, que incluiu o uso de cães e cavalos, e dezenas delas e de crianças saíram feridas, configurando mais um caso emblemático de violência institucional contra a mulher, contra mulheres que ousaram assumir a luta levada por homens e mulheres sem terra pela reforma agrária. Este é um episódio que enodoa a comemoração do Dia Internacional da Mulher no Brasil.

Por isso mesmo, esta data tem um inevitável significado de luta. Não de uma luta das mulheres contra os homens, mas de uma luta de mulheres e homens pela instituição de relações de gênero fundadas no respeito às diferenças e na igualdade de direitos. Uma luta de mulheres e homens pelo reconhecimento de que as mulheres aspiram e podem contribuir, tanto quanto os homens, para a construção de um novo país e de uma nova sociedade. A legislação brasileira apresentou, nos últimos anos, um significativo avanço, merecendo destaque espacial a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, a Lei "Maria da Penha", precisamos comemorar mais esta vitória das mulheres brasileiras. Finalmente, quero mencionar o Diploma Berna Luz, uma iniciativa louvável desta Casa, para agraciar mulheres que, no país, tenham oferecido contribuição relevante à defesa dos direitos da mulher e questões do gênero. Essa

iniciativa merece todo nosso aplauso ao reconhecer a atuação dessas bravas mulheres, bravas guerreiras, entre as quais quero destacar as vencedoras de 2008: a ex-Deputada Jandira Feghali, fundadora da União Brasileira de Mulheres do Estado do Rio de Janeiro; Rose Maria Muraro, fundadora do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher; a aeromoça Alice Editha Klausz, voluntária do Programa Antártico Brasileiro; a parteira Maria dos Prazeres, presidente da Associação das Parteiras de Jaboatão dos Guararapes; e a médica Mayana Zatz, diretora do Centro de Estudos do Genoma Humano do Instituto de Biociências da USP. A todas essas mulheres maravilhosas, os meus mais efusivos aplausos, na certeza de que continuarão firmes na luta, no bom combate, numa luta que é muitas vezes ingrata, mas que é absolutamente imprescindível para o avanço das conquistas das mulheres brasileiras e de toda nossa sociedade. Que este seja um dia de comemoração, de alegria e de afeto, e também um dia de luta pelo fim da desigualdade entre homens e mulheres e por um País justo e igualitário.

Muito Obrigado.

Brasília, 11 de março de 2008. – Senador **José Nery**, Líder do PSOL.

Da Senadora Roseane Sarney

Senhor Presidente,

Senadores e Senadoras, Senhoras e Senhores,

No texto bíblico, Deus, ao falar da criação da mulher, e com a mesma beleza em que descreve a criação da Terra, diz que fez a mulher para que o homem não ficasse só.

Não criou a mulher para ser escrava, nem submeter-se às suas vontades, mas para que, juntos, fossem a força da natureza que afastasse a solidão e construíssem um mundo justo e igual.

Infelizmente, com o desenvolvimento do gênero humano, a mulher atravessou períodos de submissão, discriminação, inferioridade e desigualdade.

Hoje, depois de muita luta e de muito sacrifício, conquistamos o nosso lugar e participamos da criação do mundo com o nosso trabalho e com a missão fundamental de sermos responsáveis pela maternidade, pela sobrevivência do gênero humano e de sermos a força da família.

Conquistamos nosso espaço, mas ainda temos muito o que conquistar. Ainda somos vítimas da violência e da segregação. Discriminadas na vida e no trabalho, sofremos muito mais que os homens, vítimas da violência e do preconceito.

Neste ano, na referência ao Dia da Mulher, de suas conquistas e das conquistas que ainda temos que realizar, quero escolher mulheres sofredoras para

simbolizar nossa luta, nossos sonhos, nossa participação.

Quero, nessas mulheres, simbolizar toda nossa missão. Quero referir-me às mulheres seqüestradas na luta fratricida que se desenrola na Colômbia. Nas mulheres que foram vítimas do terror, da guerra, que foram seqüestradas, afastadas dos seus filhos, dos seus maridos, banidas do convívio e do amor de suas famílias, violentadas em suas aspirações profissionais e de liderança. Falo de Clara Rojas, Consuelo González, Glória Polanco de Lozada, Consuelo Araújo, de Ingrid Betancourt, e daquelas que ainda estão no cativeiro, sofrendo a solidão e os maus tratos impostos aos que são escravizados.

Quero homenagear essas mulheres, com a nossa solidariedade e com a nossa mais profunda indignação, dizendo que estamos pensando nelas, que elas não estão sós, nem esquecidas, mas que elas simbolizam todo o nosso sofrimento. Principalmente aquelas que, como nós, são políticas, e na política procuram exercer sua liderança para melhorar a sorte do seu povo.

Que a paz seja a bandeira de nosso continente; que as mulheres sejam o arauto desse compromisso.

Quero homenagear também as agraciadas com o Diploma Berta Lutz deste 2008: Rose Marie Muraro, física, editora, escritora, patrona do movimento feminista brasileiro; Jandira Feghali, médica e política exemplar; Alice Editha Klausz, aeromoça, que com sua dedicação à Antártica faz história no voluntariado brasileiro; Maria dos Prazeres Souza, generosa Presidente da Associação das Parteiras de Jaboatão, em Pernambuco; e Mayana Zatz, nossa brilhante pesquisadora geneticista. Menciono também nossas homenageadas especiais: Terezinha Zerbine, que é símbolo da luta pela redemocratização do Brasil; e Locádia Prestes – representada por sua neta Zóia Prestes, por sua história de luta contra a opressão.

Vocês simbolizam todas as brasileiras que trabalham – e trabalharam – por dias melhores para todos. Assim, recebam todo o meu carinho e respeito. Parabéns a todas!

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko) – Nada mais havendo a tratar, vou encerrar a sessão.

A SRA. PRESIDENTA (Serys Slhessarenko) – Está encerrada a sessão.

(Encerra-se a sessão às 14 horas e 15 minutos.)

CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70, de 23.11.1972)
(Regimento Interno baixado pelo Ato nº 1, de 1973-CN)

COMPOSIÇÃO

Grão-Mestre: Presidente do Senado Federal
Chanceler: Presidente da Câmara dos Deputados

MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	MESA DO SENADO FEDERAL
<u>PRESIDENTE</u> Deputado Arlindo Chinaglia (PT-SP)	<u>PRESIDENTE</u> Senador Garibaldi Alves Filho (PMDB-RN)
<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Deputado Narcio Rodrigues (PSDB-MG)	<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Senador Tião Viana (PT-AC)
<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Deputado Inocêncio Oliveira (PR-PE)	<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Senador Álvaro Dias (PSDB-PR)
<u>1º SECRETÁRIO</u> Deputado Osmar Serraglio (PMDB-PR)	<u>1º SECRETÁRIO</u> Senador Efraim Morais (DEM-PB)
<u>2º SECRETÁRIO</u> Deputado Ciro Nogueira (PP-PI)	<u>2º SECRETÁRIO</u> Senador Gerson Camata (PMDB-ES)
<u>3º SECRETÁRIO</u> Deputado Waldemir Moca (PMDB-MS)	<u>3º SECRETÁRIO</u> Senador César Borges (DEM-BA)
<u>4º SECRETÁRIO</u> Deputado José Carlos Machado (DEM-SE)	<u>4º SECRETÁRIO</u> Senador Magno Malta (PR-ES)
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN)	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Senador Valdir Raupp (PMDB-RO)
<u>LÍDER DA MINORIA</u> Deputado Zenaldo Coutinho (PSDB-PA)	<u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u> Senador Demóstenes Torres (DEM-GO)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA</u> Deputado Leonardo Picciani (PMDB-RJ)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA</u> Senador Marco Maciel (DEM-PE)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> Deputado Vieira da Cunha (PDT-RS)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> Senador Heráclito Fortes (DEM-PI)

(Atualizada em 12.12.2007)

SECRETARIA-GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Anexo II – Senado Federal
Telefones: 3311-5255 e 3311-4561
scop@senado.gov.br

CONGRESSO NACIONAL
CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(13 titulares e 13 suplentes)

(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)

(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

Presidente: Arnaldo Niskier

Vice-Presidente: João Monteiro de Barros Filho¹

LEI Nº 8.389/91, ART. 4º	TITULARES	SUPLENTES
Representante das empresas de rádio (inciso I)	PAULO MACHADO DE CARVALHO NETO ²	EMANUEL SOARES CARNEIRO ²
Representante das empresas de televisão (inciso II)	GILBERTO CARLOS LEIFERT	ANTÔNIO DE PÁDUA TELES DE CARVALHO ²
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)	PAULO R. TONET CAMARGO	SIDNEI BASILE ²
Engenheiro com notórios conhecimentos na área de comunicação social (inciso IV)	FERNANDO BITTENCOURT ²	ROBERTO DIAS LIMA FRANCO
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)	CELSO AUGUSTO SCHRÖDER ³	(VAGO)
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)	EURÍPEDES CORRÊA CONCEIÇÃO	MÁRCIO LEAL
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)	BERENICE ISABEL MENDES BEZERRA ²	STEPAN NERCESSIAN ²
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)	GERALDO PEREIRA DOS SANTOS ²	ANTÔNIO FERREIRA DE SOUSA FILHO ²
Representante da sociedade civil (inciso IX)	DOM ORANI JOÃO TEMPESTA	SEGISNANDO FERREIRA ALENCAR
Representante da sociedade civil (inciso IX)	ARNALDO NISKIER	GABRIEL PRIOLLI NETO
Representante da sociedade civil (inciso IX)	LUIZ FLÁVIO BORGES D'URSO	PHÉLIPPE DAOU
Representante da sociedade civil (inciso IX)	ROBERTO WAGNER MONTEIRO ²	FLÁVIO DE CASTRO MARTINEZ ²
Representante da sociedade civil (inciso IX)	JOÃO MONTEIRO DE BARROS FILHO	PAULO MARINHO

1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 5.6.2002

2ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258

scop@senado.gov.br - www.senado.gov.br/ccs

¹ Eleito na 2ª Reunião de 2006 do CCS, em 3.4.2006, em substituição ao Conselheiro Luiz Flávio Borges D'Urso.

² Reeleitos na sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004.

³ Eleito como suplente na Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004. Foi convocado como titular na 6ª Reunião de 2006 do CCS, realizada em 7.8.2006, em função do falecimento, em 30.5.2006, do Conselheiro Daniel Koslowsky Herz.

CONGRESSO NACIONAL
CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)
COMISSÕES DE TRABALHO

01 – COMISSÃO DE REGIONALIZAÇÃO E QUALIDADE DA PROGRAMAÇÃO E DE RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA⁴

- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio)
- Gilberto Carlos Leifert (Representante das empresas de televisão)
- Paulo R. Tonet Camargo (Representante das empresas da imprensa escrita)
- Fernando Bittencourt (Engenheiro com notórios conhecimentos na área de comunicação social)
- Celso Augusto Schröder (Representante da categoria profissional dos jornalistas)
- Eurípedes Corrêa Conceição (Representante da categoria profissional dos radialistas)
- Berenice Isabel Mendes Bezerra (Representante da categoria profissional dos artistas)
- Geraldo Pereira dos Santos (Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo)
- Dom Orani João Tempesta (Representante da sociedade civil)
- Roberto Wagner Monteiro (Representante da sociedade civil)
- João Monteiro de Barros Filho (Representante da sociedade civil)

02 – COMISSÃO DE TECNOLOGIA DIGITAL

- Fernando Bittencourt (Eng. com notórios conhec. na área de comunicação social) - **Coordenador**
- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio)
- Paulo R. Tonet Camargo (Representante de empresas da imprensa escrita)
- Celso Augusto Schröder (Representante da categoria profissional dos jornalistas)
- Eurípedes Corrêa Conceição (Representante da categoria profissional dos radialistas)
- Berenice Isabel Mendes Bezerra (Representante da categoria profissional dos artistas)
- Geraldo Pereira dos Santos (Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo)
- Luiz Flávio Borges D'Urso (Representante da sociedade civil)
- Roberto Wagner Monteiro (Representante da sociedade civil)

03 – COMISSÃO DE TV POR ASSINATURA

- Berenice Isabel Mendes Bezerra (Representante da cat. profissional dos artistas) - **Coordenadora**
- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio)
- Gilberto Carlos Leifert (Representante das empresas de televisão)
- Paulo R. Tonet Camargo (Representante de empresas da imprensa escrita)
- Celso Augusto Schröder (Representante da categoria profissional dos jornalistas)
- Roberto Wagner Monteiro (Representante da sociedade civil)
- João Monteiro de Barros Filho (Representante da sociedade civil)

04 – COMISSÃO DE MARCO REGULATÓRIO

- Roberto Wagner Monteiro (Representante da sociedade civil) – **Coordenador**
- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio)
- Paulo R. Tonet Camargo (Representante de empresas da imprensa escrita)
- Fernando Bittencourt (Engenheiro com notórios conhecimentos na área de comunicação social)
- Celso Augusto Schröder (Representante da categoria profissional dos jornalistas)
- Eurípedes Corrêa Conceição (Representante da categoria profissional dos radialistas)
- Gilberto Carlos Leifert (Representante das empresas de televisão) ⁵

05 – COMISSÃO DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO

- Gilberto Carlos Leifert (Representante das empresas de televisão) – **Coordenador**
- Paulo Machado de Carvalho Neto (Representante das empresas de rádio)
- Paulo R. Tonet Camargo (Representante de empresas da imprensa escrita)
- Celso Augusto Schröder (Representante da categoria profissional dos jornalistas)
- Geraldo Pereira dos Santos (Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo)
- Dom Orani João Tempesta (Representante da sociedade civil)
- Roberto Wagner Monteiro (Representante da sociedade civil)

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258

⁴ Constituída na 11ª Reunião do CCS, de 5.12.2005, como união da Comissão de Regionalização e Qualidade da Programação com a Comissão de Radiodifusão Comunitária. Todos os membros de cada uma das duas comissões originais foram considerados membros da nova comissão. Aguardando escolha do coordenador (art. 31, § 5º, do Regimento Interno do CCS).

⁵ Passou a fazer parte desta Comissão na Reunião Plenária de 5.6.2006.

REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL

COMPOSIÇÃO

18 Titulares (9 Senadores e 9 Deputados) e 18 Suplentes (9 Senadores e 9 Deputados)

Designação: 27/04/2007

Presidente: Senador Geraldo Mesquita Júnior (PMDB-AC)²

Vice-Presidente: Deputado George Hilton (PP-MG)²

Vice-Presidente: Deputado Claudio Diaz (PSDB-RS)²

SENADORES

TITULARES	SUPLENTES
Maurício (PMDB)	
PEDRO SIMON (PMDB-RS)	1. NEUTO DE CONTO (PMDB-SC)
GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB-AC)	2. VALDIR RAUPP (PMDB-RJ)
DEM	
EFRAIM MORAIS (DEM-PB)	1. ADELIR SANTANA (DEM-DF)
ROMEU TUMA (DEM-SP)	2. RAMUNDO COLOMBO (DEM-SC)
PSDB	
MARISA SERRANO (PSDB-MG)	1. EDUARDO AZEREDO (PSDB-MG)
PT	
ALOIZIO MERCADANTE (PT-SP)	1. FLÁVIO ARNS (PT-PR)
PTB	
SÉRGIO ZAMBASI (PTB-RS)	1. FERNANDO COLLOR ³ (PTB-AL)
PDT	
CRISTOVAM BUARQUE (PDT-DF)	1. JEFFERSON PÉRES (PDT-MG)
PCdoB	
INÁCIO ARRUDA (PCdoB-CE)	1.

DEPUTADOS

TITULARES	SUPLENTES
PMDB/PT/PP/PR/PTB/PSC/PTC/PTdoB	
CEZAR SCHIRMER (PMDB-RS)	1. IRIS DE ARAÚJO (PMDB-GO)
DR. ROSINHA (PT-PR)	2. NILSON MOURÃO (PT-AC)
GEORGE HILTON (PP-MG)	3. RENATO MOLLING (PP-RS)
MAX ROSENMAN (PMDB-PR)	4. VALDIR COLATTO (PMDB-SC)
PSDB/DEM/PPS	
CLAUDIO DIAZ (PSDB-RS)	1. FERNANDO CORUJA (PPS-SC)
GERALDO RESENDE (PPS-MG)	2. ANTONIO CARLOS PANNUNZIO ⁴ (PSDB-SP)
GERMÃO BONOW (DEM-RS)	3. (vago) ¹
PSB/PDT/PCdoB/PMN/PAN	
BETO ALBUQUERQUE (PSB-RS)	1. VIEIRA DA CUNHA (PDT-RS)
PV	
JOSÉ PAULO TÓFFANO (PV-SP)	1. DR. NECHAR (PV-SP)

(Atualizada em 20.12.2007)

Secretaria: Câmara dos Deputados - Anexo II - Sala T/28 - 70160-900 Brasília - DF / Brasil

Fones: (55) 61 3216-6871 / 6878 Fax: (55) 61 3216-6880

e-mail: cpm@camara.gov.br

www.camara.gov.br/mercossul

¹ Vago em virtude do falecimento do Deputado Júlio Redecker (PSDB-RS), ocorrido em 17.07.2007.

² Eleito em 14.8.2007, para o biênio 2007/2008.

³ Encontra-se licenciado do exercício do mandato a partir de 29 de agosto, pelo prazo de 121 dias conforme Requerimento nº 968, de 2007, publicado no DSF de 29.8.2007.

⁴ Indicado conforme Of. PSDB nº 856/2007, de 28.11.2007, do Líder do PSDB, Deputado Antonio Carlos Pannunzio, lido na Sessão do SF de 19.12.2007.

CONGRESSO NACIONAL
COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE
INTELIGÊNCIA

(Art. 6º da Lei nº 9.883, de 1999)

COMPOSIÇÃO

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> HENRIQUE EDUARDO ALVES PMDB-RN	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> VALDIR RAUPP PMDB-RO
<u>LÍDER DA MINORIA</u> ZENALDO COUTINHO PSDB-PA	<u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u> DEMOSTENES TORRES DEM-GO
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> VIEIRA DA CUNHA PDT-RS	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> HERÁCLITO FORTES PFL-PI

(Atualizada em 1º.10.2007)

SECRETARIA-GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Anexo II – Senado Federal
Telefones: 3311-5255 e 3311-4561
scop@senado.gov.br
www.senado.gov.br/ccai